

ALLAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS - MAIO DE 1992



A LIAHONA

MAIO DE 1992



Na capa:

Elder Russell M. Nelson, do Quorum dos Doze Apóstolos, reúne-se em Leningrado (agora São Petersburgo) com integrantes do Coral do Tabernáculo Mórmon, durante sua excursão de 1991.

Elder Nelson escreve a respeito dos acontecimentos notáveis que têm ocorrido na Igreja, na Europa Central e Oriental, nos últimos cinco anos. Vide "Drama no Palco Europeu", página 8. Fotografia de Craig Dimond.

Capa da Seção Infantil:

Cercadas de flores, as três meninas apreciam a beleza do hemisfério norte, nesta época do ano em que a melancolia do inverno é substituída pela primavera — símbolo da promessa do Salvador de vida nova a todos. Vide "No Caminho de Emaús", página 6 da seção infantil.

Fotografia de Michael McConkie.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: LARES CELESTIAIS, FAMÍLIAS ETERNAS PRESIDENTE THOMAS S. MONSON	2
DRAMA NO PALCO EUROPEU ÉLDER RUSSELL M. NELSON	8
WISIT KHANAKAM DAVID MITCHELL	32
UMA FAMÍLIA INTERNACIONAL	40
VOLTA À CHECOSLOVÁQUIA ROSTYA GORDON-SMITH	46
VÁ PARA A PISTA DA DIREITA VICTOR MI GUEL BOTTARI	48

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

O DOMINGO EM QUE DESCODRI O DIA DO SENHOR CLYTEE KLEAGER	25
PERGUNTAS E RESPOSTAS: POR QUE UMA MISSÃO É TÃO ESSENCIAL?	28
"UM DESTES MEUS PEQUENINOS . . ." CAROLYN SESSIONS ALLEN	36

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: NOSSA DIVERSIDADE, NOSSA IRMANDADE	24

SEÇÃO INFANTIL

FAURY WENDY TORIZ REYES CORLISS CLAYTON	2
SÓ PARA DIVERTIR	5
TEMPO DE COMPARTILHAR: NO CAMINHO DE EMAÚS VIRGINIA PEARCE	6
UMA RESPONSABILIDADE SAGRADA PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY	8
MINHA SEGUNDA GRANDE ENTREVISTA COM O BISPO ROBERT MCDONALD	10
LORENZO SNOW KELLENE RICKS	14
ETIQUETA NO SACRAMENTO JULIE H. JENSEN	16

MAIO de 1992, Vol. 16, nº 5
92985 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Charles Didier, Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Director Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton

Director de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Director de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Controlador: Diana W. Van Staveren

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Director Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966/35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, d o D. P. F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas

Caixa Postal 26023

05599, São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000,00; para Portugal - Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J-1900-Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 1.700,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1992 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas à adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240 2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

UMA FONTE DE CONFORTO

Só tenho a agradecer pelo artigo "Não Cobiçarás", do Presidente Gordon B. Hinckley, publicado na *Der Stern* (alemão) de fevereiro de 1991.

Quando a medicina não consegue ajudar, sei que a palavra de Deus pode curar. Fui demitida de meu emprego em virtude de vários problemas de saúde e quase não tinha dinheiro para aluguel e alimentação. Eu queria estudar e fazer muitas coisas, como meus amigos, mas às vezes ficava tão doente que mal tinha forças para ir ao mercado do outro lado da rua.

Certo dia recebi a *Der Stern* mais cedo do que esperava. Estivera orando em busca de saúde e maior fé no Pai Celestial. O artigo "Não Cobiçarás" me deu forças para perceber que estava fazendo tudo que me era possível e que não precisava fazer o que os outros faziam.

Uma irmã no evangelho
Alemanha

O AMOR DE CRISTO

Quero cumprimentá-los por sua excelente revista. Gosto de ler a *Liahona* (espanhol), porque suas mensagens, os conselhos das Autoridades Gerais e de outros membros da Igreja me proporcionam a vitalidade espiritual de que necessito. Estas importantes mensagens refletem o amor que Cristo tem por seus filhos.

Gostaria que todos lessem esta revista e o Livro de Mórmon, pois o propósito deles é ajudar-nos a alcançar a vida eterna e sermos bem sucedidos aqui na terra.

Leoncio Rupay
Peru

O PRESENTE PERFEITO

Estamos satisfeitos com *A Liahona* (português), principalmente a edição da conferência. Sinto imenso prazer em presentear meus amigos no Natal com uma revista tão sofisticada. Nossa família deu uma assinatura a um famoso juiz da nossa cidade, que é uma pessoa de grande capacidade, excelente juiz e pai, que estuda *A Liahona* criteriosamente todos os meses, juntamente com as escrituras, buscando inspiração para suas decisões e julgamentos como magistrado. Esperamos logo compartilhar a mensagem do evangelho com ele, em sua casa, com os missionários.

Família Remor
Ramo de Criciúma
Estaca Florianópolis Brasil

SENSIBILIZA O CORAÇÃO

Fui batizada em fevereiro de 1991, e logo depois recebi a revista de janeiro daquele ano de *Der Stern* (alemão), na qual li um artigo a respeito do batismo pelos mortos. Decidi que batizaria minha mãe logo que pudesse ir ao templo. Depois que o fiz, ela apareceu ao lado da cama e disse-me que aceitava o batismo.

Sou eternamente grata ao Pai Celestial, pois devo esta experiência a ele e à revista *Der Stern*, que me trouxe a mensagem do Senhor.

Erika Giesen
Ala de Gluckstadt
Estaca de Neumunster Alemanha



Lares Celestiais, Famílias Eternas

Presidente Thomas S. Monson

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Hinos e discursos nos lembram com freqüência que “o lar é a base de uma vida reta, e nada pode substituí-lo ou cumprir suas funções essenciais” (A Primeira Presidência, 1962).

Na verdade, um lar é muito mais que uma casa. Uma casa pode ser construída de madeira, pedras e tijolos. Um lar é feito de amor, sacrifício e respeito. Uma casa pode ser um lar, e um lar pode ser um céu, quando abriga uma família. Assim como a estrutura que habita, a família pode ser grande ou pequena, velha ou jovem. Pode estar em excelentes condições, ou apresentar sinais de desgaste, negligência, deterioração.

Algumas famílias SUD são formadas pela mãe, pai, filhos e filhas, todos em casa, enquanto outras sofreram a dolorosa partida de um, depois de outro, e ainda de mais outro membro da família. Ocasionalmente, apenas uma pessoa da família sobrevive. A família, no entanto, continua, pois as famílias são eternas.

Quer estejamos preparando-nos para formar nossa própria família, ou simplesmente considerando como trazer o céu para mais perto de nosso lar, podemos aprender com o Senhor. Ele é o arquiteto mestre. Ensinou-nos como devemos construir.

Ajoelhai-vos para orar. Servi espontaneamente. Cada um desses passos é uma página vital da planta de Deus para transformarmos uma casa em lar, e um lar em céu.

“Organizai-vos . . . e estabelecei uma casa, mesmo uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus.” (D&C 88:119.)

Quando Jesus caminhava pelas estradas poeirentas de cidades e vilas, que agora reverentemente chamamos de Terra Santa, e ensinava seus discípulos na bela Galiléia, muitas vezes falava em parábolas, numa linguagem que o povo entendia. Referia-se freqüentemente à construção de casas, em relação à vida daqueles que o ouviam.

Ele declarou: “Toda . . . casa, dividida contra si mesma não subsistirá.” (Mateus 12:25.) Mais tarde advertiu: “Eis que a minha casa é uma casa de ordem . . . e não de confusão.” (D&C 132:8.)

Numa revelação concedida por meio do Profeta Joseph Smith, em Kirtland, Ohio, em 27 de dezembro de 1832, o Mestre aconselha: “Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias; e estabelecei uma casa, mesmo uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus.” (D&C 88:119.)

Onde poderíamos encontrar uma planta mais adequada para construir com sabedoria e propriedade? Uma casa assim atenderia aos requisitos de construção descritos em Mateus, ou seja, uma casa construída “sobre a rocha” (vide Mateus 7:24–25), capaz de suportar as tormentas da adversidade, as torrentes da oposição e os vendavais da dúvida, sempre presentes em nosso mundo desafiador.

Algumas pessoas poderão perguntar: “Essa revelação se referia à construção de um templo. É aplicável hoje?”

Eu responderia: “Não declarou o Apóstolo Paulo: ‘Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?’” (I Coríntios 3:16.)

Deixemos que o Senhor seja o empreiteiro da família — e do lar — que edificamos. Assim, cada um de nós poderá ser o subempreiteiro responsável por um segmento vital do projeto. Todos nós somos construtores, e, portanto, falo a todos os participantes, mencionando diretrizes de Deus, lições de vida e pontos a ponderar quando começamos a construir.

Ponto número um: *Ajoelhai-vos para Orar.*

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em

todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” (Provérbios 3:5–6.) Assim falou o sábio Salomão, filho de Davi, rei de Israel.

No continente americano, Jacó, irmão de Néfi, declarou: “Olhai para Deus com mentes firmes e rogai a ele com ardente fé.” (Jacó 3:1.)

Este conselho, divinamente inspirado, significa para nós, hoje, o mesmo que a água cristalina para a terra sedenta. Vivemos numa época tumultuada. Os consultórios médicos, em todo o mundo, estão repletos de indivíduos com problemas emocionais, além de distúrbios físicos. Os divórcios se multiplicam, porque as pessoas não conseguem resolver seus problemas. Os departamentos de pessoal e as assistentes sociais, nas indústrias modernas, trabalham longas horas para auxiliar pessoas com problemas.

Certo funcionário, encarregado de tratar de problemas menores, decidiu, num agitado dia, colocar, por brincadeira, um pequeno cartaz sobre a mesa, para pessoas com problemas pendentes. Nele estava escrito: “Já experimentou a oração?” O que aquele funcionário não sabia, quando colocou o cartaz sobre a mesa, era que estava indicando um conselho e uma orientação que solucionariam mais problemas, aliviariam mais sofrimentos, evitariam mais transgressões e trariam mais paz e contentamento à alma humana, do que qualquer outra coisa.

Perguntaram a um famoso juiz americano como nós, cidadãos dos países do mundo, poderíamos ajudar a reduzir o crime e desobediência à lei, proporcionando mais paz e alegria às pessoas e nações. Ele respondeu seriamente: “Eu sugeriria a volta ao antigo costume da oração em família.”

Como povo, não nos sentimos gratos por não ser a oração em família, entre nós, um costume ultrapassado? Não existe visão mais bela, em todo o mundo, do que uma família em oração. Há um significado real, por trás do famoso ditado: “A família que ora unida permanece unida.”

O Senhor nos instruiu a fazermos oração em família, quando disse: "Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (3 Néfi 18:21.) Gostaria de que olhásseis comigo para uma típica família SUD, oferecendo preces ao Senhor. O pai, a mãe e todos os filhos se ajoelham, baixam a cabeça e fecham os olhos. Um doce espírito de amor, união e paz invade o lar. Quando um homem ouve a vozinha do filho orando a Deus para que o pai faça as coisas certas e seja obediente aos mandamentos do Senhor, achais que lhe será difícil honrar a oração de seu precioso filho? Quando uma filha adolescente ouve a mãe suplicar a Deus que ela seja inspirada na escolha de suas amigas e que se prepare para casar-se no templo, não credes que essa filha procurará honrar a humilde súplica da mãe a quem tanto ama? Quando o pai, a mãe e cada um dos filhos oram com fervor para que os membros da família vivam dignamente, que os filhos possam, no devido tempo, ser chamados para servir como embaixadores do Senhor nos campos missionários da Igreja, não começamos a ver como esses filhos chegam à adolescência com o desejo intenso de cumprir missão?

Quando oferecermos a Deus nossas orações familiares e pessoais, façamo-lo com fé e confiança. Se não temos seguido o conselho de orar sempre, não existe melhor momento para começar do que agora. Aqueles que acham que a oração pode denotar fraqueza física, devem lembrar-se de que um homem nunca é maior do que quando está ajoelhado.

Ponto número dois: *Servi espontaneamente.*

Como exemplo de serviço, voltemo-nos à vida do Senhor. A vida de Jesus, quando ministrou aos homens, é como uma luz voltada para o bem. Ele deu força aos membros dos paralíticos, visão aos olhos dos cegos, audição aos ouvidos dos surdos e vida aos corpos dos mortos.

Suas parábolas pregam poder. Com o bom samaritano, ele ensinou: "Amarás o teu próximo." Por

meio da bondade demonstrada à mulher apanhada em adultério, ele ensinou a compreensão piedosa. Na parábola dos talentos, ensinou-nos o aprimoramento pessoal e a luta pela perfeição. Ele podia bem estar nos preparando para a função de construtores, na família eterna. Os que erguem, não se encostam. Os que servem, não reclamam.

Na vida de nosso profeta, o Presidente Ezra Taft Benson, e em sua família, encontramos um exemplo de serviço espontâneo. O Presidente Benson contou às Autoridades Gerais como seu pai foi chamado a cumprir missão. Ele deixou para trás a esposa grávida, sete filhos, a fazenda e tudo o que possuía. Perdeu alguma coisa? O Presidente Benson conta como sua mãe reunia a família ao redor da mesa da cozinha, e lá, à luz bruxuleante de uma lamparina, lia as cartas do marido. Durante a leitura, interrompia-se vez por outra para enxugar as lágrimas que fluíam livremente. O resultado? Mais tarde, todos os filhos cumpriram missão. Cada um deles serviu espontaneamente.

Ponto número três: *Resgatar os que se desviam.*

Na jornada ao longo dos caminhos da vida, sempre acontecem acidentes. Alguns se afastam dos sinais da estrada, que indicam a rota da vida eterna, descobrindo depois que o desvio escolhido não leva a parte alguma. Indiferença, descuido, egoísmo e pecado, tudo isso afasta as pessoas da vida eterna. Há pessoas que, por razões inexplicáveis, marcham ao som de um tambor diferente, descobrindo mais tarde que seguiram o som da Flauta de Hamelin, que leva à dor e ao sofrimento.

Ao final do ano de 1985, a Primeira Presidência mostrou sua preocupação por aqueles que se haviam afastado do rebanho de Cristo, e publicou uma declaração especial, intitulada: "Convite para Voltar." A mensagem continha este apelo: "Aconselhamos os membros da Igreja a perdoarem aqueles que possam tê-los ofendido. Aos que deixaram de ser ativos e àqueles inclinados a criticar, dizemos: — Voltai. Voltai e banquetei-vos na mesa do Senhor: tornai a provar dos

**Ali estava um rapaz que, do dia para a noite, se
tornara um homem. Ali estava um pai que, superando a
ira e controlando o orgulho, procurou salvar o filho.**

doces e saciadores frutos da fraternidade dos santos. Acreditamos que muitos anseiam por retornar, mas sentem-se constrangidos em fazê-lo. Asseguramo-vos que sereis recebidos de braços abertos e mãos estendidas, dispostas a ajudar.”

Uma cena bem comum talvez nos ajude a perceber a nossa oportunidade pessoal de resgatar os que se desviam. Vejamos uma família com um jovem chamado Jack. Durante quase toda a vida de Jack, ele e seu pai tiveram sérias desavenças. Certo dia, quando Jack já estava com dezessete anos de idade, tiveram uma séria e violenta discussão. Jack disse ao pai: “Não agüento mais esta situação. Vou sair de casa e nunca mais voltarei!” Foi para o quarto e arrumou as malas. A mãe lhe implorou que ficasse, mas ele estava por demais zangado para ouvi-la. Deixou-a chorando à soleira da porta. Já estava quase atingindo o portão, quando ouviu a voz do pai dizendo: “Jack, sei que grande parte da culpa por sua partida é minha, e por isso estou profundamente triste. Quero que saiba que se desejar voltar para casa, será sempre bem recebido. Tentarei ser um pai melhor. Quero que saiba que sempre o amarei.” Jack nada disse e foi para a rodoviária, comprando uma passagem para uma cidade distante. Sentado no ônibus, rodando por vários quilômetros, pensou nas palavras do pai. Compreendeu quanto amor o pai necessitou para fazer o que fez. O pai se havia desculpado. Convidara-o a voltar, deixando ressoar no ar de verão aquelas palavras: “Eu o amo.”

Foi aí que Jack compreendeu que quem deveria dar o próximo passo era ele. Sabia que a única maneira de ficar em paz consigo mesmo, seria mostrar ao pai a mesma maturidade, bondade e amor que o pai lhe mostrara. Desceu do ônibus e comprou a passagem de volta para casa.

Quando chegou em casa, pouco depois da meia noite, acendeu a luz. Ali, sentado numa cadeira de balanço, cabisbaixo, estava seu pai. Assim que viu Jack, levantou-se da cadeira, e ambos correram um para o outro, abraçando-se. Jack freqüentemente dizia: “Aqueles

últimos anos que passei em casa foram os mais felizes de minha vida.”

Ali estava um jovem que, da noite para o dia, se tornara um homem. Ali estava um pai que, superando a ira e controlando o orgulho, procurou salvar o filho, antes que ele fizesse parte daquele “batalhão perdido”, proveniente de famílias divididas e lares desfeitos. O amor foi o laço de união e o bálsamo purificador. Amor tão freqüentemente sentido, tão raramente expressado.

Do Monte Sinai soa em nossos ouvidos: “Honra teu pai e tua mãe” (Êxodo 20:12) e mais tarde, do mesmo Deus, o conselho: “Juntos habitareis em amor” (D&C42:45).

Ajoelhai-vos para orar. Servi espontaneamente. Resgatai os que se desviam. Cada um desses passos é uma página vital da planta de Deus para transformarmos uma casa em lar, e um lar em céu.

Construamos com perícia, evitemos os atalhos e sigamos sua planta. Então o Senhor, que é o inspetor de nossa construção, poderá dizer-nos, como disse a Salomão, um construtor de outros tempos: “Santifiquei a casa que edificaste, a fim de pôr ali o meu nome para sempre: e os meus olhos e o meu coração estarão ali todos os dias.” (I Reis 9:3.) Assim, teremos lares celestiais e famílias eternas. □

AUXÍLIOS PARA DEBATE

1. O Senhor forneceu-nos uma planta para a edificação de famílias fortes e felizes.
2. As três diretrizes são:
 - Ajoelhai-vos em oração. A oração é capaz de solucionar mais problemas, aliviar mais sofrimentos, evitar mais transgressões, e provocar mais paz do que por qualquer outro meio.
 - Servi espontaneamente. Os que erguem, não se encostam. Os que servem, não reclamam.
 - Auxiliai os que se desviam. O amor é o laço de união, o bálsamo purificador.



DRAMA NO PALCO

Elder Russell M. Nelson

do Quorum dos Doze Apóstolos

Devido aos extraordinários eventos ocorridos nos últimos cinco anos na Europa oriental, pediram-me que escrevesse, de minha perspectiva pessoal, sobre estes acontecimentos. Aquela parte do mundo tem sido, ultimamente, palco de eventos dramáticos. Antes de considerar os acontecimentos, gostaria de estabelecer alguns conceitos fundamentais como introdução:

- Este relato, escrito por um único membro do Conselho dos Doze, não retrata adequadamente os ministérios de meus colegas em suas designações nesta e em outras regiões do mundo. Durante esse período, os membros da Primeira Presidência e todos os Doze Apóstolos trabalharam na Europa — do Reino Unido e Irlanda aos Países da Europa oriental. Essa concentração de esforços tem abençoado muito aquele continente. Estes Irmãos, também, têm seguido instruções divinas, aberto portas de nações e dedicado países, enquanto organizam a Igreja e colocam seus assuntos em ordem. Eles têm magnificado seus chamados e estabelecido padrões de excelência que servem de inspiração para mim e outros.

- O dever apostólico não se limita a apenas um continente e seu povo. Os Doze devem ensinar os habitantes de todas as nações da terra. (Vide Mateus 28:16–19; Marcos 16:14–15; Lucas 24:47–48; João 21:15–17; Apocalipse 14:6; Mosiah 3:13; Alma 29:8; D&C42:58; 107:33; 134:12.)

- Os Doze chamam os Setenta “em vez dos outros” (D&C 107:38). Cumprindo este organograma divinamente inspirado, os Setenta servem nas Presidências de Área e dirigem o trabalho dos presidentes de missão e líderes locais.

- Os Doze servem conforme designação da Primeira

Presidência da Igreja. Nessa missão, qualificam-se para esta grande promessa das escrituras: “Os Doze . . . (terão) poder para abrir a porta do reino a toda a nação a que (a Primeira Presidência) (os enviar)” (D&C 112:21).

O Senhor disse: “Apressarei a minha obra” (D&C 88:73). Certamente, todos os que observam o recente crescimento de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias estão plenamente cômicos desse processo de aceleração. Isto deve tornar-nos humildemente gratos pela mão onipotente do Senhor. Obstáculos aparentemente intransponíveis provaram ser simples desafios para os fiéis, pois “para Deus nada é impossível” (Lucas 1:37).

A inspiração preparou o caminho desde o princípio, quando o Senhor inspirou o Profeta Joseph Smith a elaborar a décima segunda regra de fé: “Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores, e magistrados, na obediência, honra e manutenção da lei.” Esta declaração inspirada certamente foi escrita para a nossa época. O profeta sabia que o evangelho finalmente seria levado a todas as nações, independentemente de seus sistemas de governo. Ele sabia que as ordenanças de salvação e exaltação poderiam abençoar a vida das pessoas, apesar das suas diferenças políticas. E sabia que as pessoas que aprendessem princípios corretos, fossem leais a seus líderes civis e obedecessem às leis locais, seriam mais capazes de desfrutar as bênçãos do evangelho.

É isto aconteceu durante este período de notável transformação política. Seria inadequado tentar analisar as mudanças, a não ser para observar que os esforços dos líderes da Igreja nessas nações têm precedido, e não aguardado, esses importantes desenvolvimentos

O EUROPEU

políticos. Basta dizer que as nações da Europa têm estado sujeitas a pressões políticas, tensões ideológicas e desafios de comunicação impostos por uma babel de idiomas diferentes. Fronteiras foram alteradas por guerras e tratados, cidades dizimadas por bombardeios, mas reconstruídas pelo espírito indomável de destemidos cidadãos que anseiam por um futuro melhor.

.....

Em 1991 Élder Russell M. Nelson e os membros do Coro do Tabernáculo visitaram Summer Gardens em Leningrado (atualmente S. Petersburgo). Um ano depois, neste mesmo jardim, Élder Nelson rededicou o país para a pregação do evangelho.

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



Direita: Em agosto de 1982, Élder Thomas S. Monson, do Quorum dos Doze, criou a Estaca de Freiberg, na República Democrática Alemã. Da esquerda para a direita:

Frank Herbert Apel, presidente da estaca; Hans B. Ringger, Representante Regional; Gottfried Richter, primeiro conselheiro da Missão República Democrática

Alemã Dresden; Élder Robert D. Hales, do Primeiro Quorum dos Setenta; Henry Burkhardt, presidente da missão; Élder Monson, e Gunter Schulze, segundo

conselheiro da Missão Dresden. **Extrema direita:** A visitação do Templo de Freiberg atraiu 90.000 visitantes, antes de sua dedicação, em junho de 1985.

Estamos atentos ao desenrolar desta história. A Europa é importante para a Igreja, pois foi a terra natal dos ancestrais de muitos dos líderes atuais. A obra missionária, primeiramente realizada mais nas Ilhas Britânicas e no norte da Europa, trouxe para a Igreja poderosos baluartes, que lhe deram força e estabilidade no seu difícil início.

O progresso da Europa, nos últimos anos, é amplo demais para ser considerado adequadamente neste artigo. Assim, foi necessário restringir países e circunstâncias a serem descritos. Por conseguinte, desde já eu me confesso culpado da omissão de detalhes importantes.

Quando assistimos a um filme ou peça teatral, notamos uma lista de reconhecimentos, onde aparecem os nomes dos protagonistas e das pessoas que trabalharam por trás dos bastidores. O limite de espaço impede que eu faça o mesmo. Reconheço, contudo, o incansável e abnegado esforço das Autoridades Gerais que serviram nas Presidências de Área da Europa, de 1985 a 1991: Élderes Joseph B. Wirthlin, Carlos E. Asay, Hans B. Ringger, Derek A. Cuthbert, John Sonnenberg, Russell C. Taylor, John R. Lasater, Albert Choules, Jr., e Spencer J. Condie. Corajosos casais e missionários pioneiros todos merecem nosso reconhecimento. Foi especialmente importante o comportamento exemplar dos santos da República Democrática Alemã e Checoslováquia. Por causa de seu grande exemplo, seus governos fizeram recomendações positivas a respeito da Igreja a líderes de outras nações.

Mencionarei freqüentemente o Élder Hans B. Ringger, dos Setenta. Foi ele o membro da Presidência de Área da Europa responsável por estes países especiais da Europa oriental. Élder Ringger, natural da Suíça, é arquiteto e engenheiro eletrônico. Sua parceria comigo, nestas designações, tem sido considerada

incomum por líderes de governo, acostumados a tratar com clérigos profissionais. Na verdade nossa singularidade foi, às vezes, desarmante. As pessoas que nos recebiam ficavam abismadas, para não dizer mais, ao serem apresentadas a um cardiologista americano e um arquiteto suíço, agora unidos numa missão de tempo integral da Igreja. Presto minha homenagem especial a Élder Ringger.

Élder Dennis B. Neuenschwander, dos Setenta, foi recentemente desobrigado, após servir durante quatro anos como presidente da Missão Áustria Viena Oriental. Seus esforços pioneiros foram monumentais em quase todas as nações de que trata este relatório. Das onze missões estabelecidas na Europa nos últimos dois anos, seis (Checoslováquia Praga, Finlândia Helsinki Oriental, Grécia Atenas, Budapeste Hungria, Polônia Varsóvia, e Bulgária Sofia) se originaram de distritos da sua missão, durante o período em que esteve na presidência. Sem dúvida, mais missões serão criadas. É um feito extraordinário.

Irmã Beverly Campbell, Presidente Ralph W. Hardy, Jr., e outros membros do comitê de relações públicas da Igreja, em Washington D.C., foram especialmente úteis para estabelecermos contatos com embaixadores estrangeiros e magistrados, neste país e no exterior. Eles e seus companheiros e colaboradores merecem a nossa mais profunda gratidão.

Unidos e gratos todos nós reconhecemos a mão do Senhor nestes notáveis acontecimentos, pois esta é a sua missão, para a qual fomos chamados.

GEOGRAFIA

Este relatório focalizará especialmente dez países da Europa oriental. Suas classificações geográficas são as seguintes:



FOTOGRAFIA DE TIM BROSNAHAN

O grupo que inclui a Polônia, a Hungria, a Checoslováquia, e, até 3 de outubro de 1990, a República Democrática Alemã. Naquela data, foi feita a sua unificação com a República Federal da Alemanha. Sua existência independente, como República Democrática Alemã, foi parte muito importante deste drama. Esse grupo fica na fronteira da Europa Oriental com a Europa Ocidental.

Cinco países constituem os estados balcânicos, assim chamados porque se acham situados na Península Balcânica. São eles: Iugoslávia, Romênia, Hungria, Albânia e Grécia.

Na época em que este relatório foi escrito, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas consistia de quinze repúblicas, três das quais eram os estados bálticos da Estônia, Letônia e Lituânia, que fazem fronteira com o Mar Báltico. Creio que esta configuração política estará modificada na época da publicação deste relatório.

A fronteira oriental da Europa é marcada pelos Montes Urais. O lado soviético, que fica a leste dos Montes Urais, é classificado geograficamente com o continente asiático. A região a oeste dos Urais faz, portanto, parte da Europa oriental.

O termo *Europa Central* não foi usado, pois para os europeus não existe uma região “central” naquele continente.

Agora, coloquemos a Igreja no palco e retrocedamos no tempo. Em 10 de novembro de 1985, o Presidente Ezra Taft Benson tornou-se o décimo terceiro presidente da Igreja. Na primeira quinta-feira após sua designação, a Primeira Presidência conferiu certas atribuições a cada membro do Quorum dos Doze. As minhas incluíam a responsabilidade de fazer os primeiros contatos para a obra em toda Europa, substituindo os Élderes Thomas S. Monson e Neal A. Maxwell. Elder Monson, agora na

Primeira Presidência, orientou os assuntos da Igreja na região central da Europa oriental por mais ou menos duas décadas. Elder Maxwell servia como primeiro contato para o restante da Europa, inclusive o Reino Unido, a Irlanda e a África.

Naquela época as atividades da Igreja na Europa oriental eram muito limitadas. Elder Spencer J. Condie, agora dos setenta, presidia a Missão Áustria Viena. Alguns corajosos casais missionários de “confraternização” trabalhavam sob as suas ordens. Um deles servia na Polônia, outro entrava e saía da Hungria (vindo da Áustria); um ou dois mais serviam na Iugoslávia, e o mesmo número na Grécia. É óbvio que não tínhamos ninguém na União Soviética.

Nesse meio tempo, membros fiéis da Igreja haviam residido na República Democrática Alemã e Checoslováquia durante décadas de restrição política. Naturalmente nenhum casal missionário serviu lá. As atividades dos membros eram limitadas pelos regimes restritivos daqueles países. Por exemplo, na primeira vez que eu e Sister Nelson visitamos a Checoslováquia, em 1975, eu tinha sido convidado como médico. Quando nos encontrávamos em Praga, reunimo-nos com alguns santos no apartamento de um deles, ao qual subimos por uma escadaria mal iluminada. Lembramo-nos bem de uma jovem de quinze anos, filha de dois membros que nunca lhe haviam revelado sua filiação à Igreja. Naquela noite — pela primeira vez — foi-lhe confiada aquela informação potencialmente perigosa. Terminada a reunião, o presidente do distrito nos deixou a uma curta distância de nosso hotel, para que a polícia não o visse em nossa companhia. Sob tais limitações, não havia a menor esperança de realizarmos a obra missionária, fosse na Checoslováquia ou na República Democrática Alemã, sendo que ambas haviam sido abençoadas com missionários antes da II Guerra Mundial.

Direita: A primeira capela SUD construída na Polônia foi dedicada em junho de 1991.

Extrema direita: Para os santos poloneses, a dedicação da primeira

capela foi a realização de um sonho. Abaixo: Estas duas mães e as filhas se achavam entre os santos que assistiram a uma reunião de distrito em Budapeste, Hungria.

UM TEMPLO EMBELEZA O PAÍS

Em 1985 aconteceu um evento extraordinário: a construção de um templo na República Democrática Alemã. O Presidente Gordon B. Hinckley o dedicou em 29 de junho de 1985, e sua oração incluiu esta notável expressão de esperança: "Que este dia seja lembrado por muito tempo nos anais de tua Igreja. Que este dia seja lembrado com gratidão e apreço. Possa ele marcar o início de uma nova era de felicidade para o teu povo."

O Senhor realmente atendeu àquele apelo. Esta oração se tornou uma promessa profética. Hoje, recordando aquele dia, é evidente que a influência daquele templo tem sido imensa. Cabe à sua irradiação espiritual grande parte do mérito pelas mudanças ocorridas. Aquela casa do Senhor foi o eixo ao redor do qual, provavelmente, giraram todas as coisas boas que ocorreram.

Após estabelecer o cenário geral da peça, examinemos os progressos específicos ocorridos em cada nação, começando pela parte norte do corredor central europeu.

POLÔNIA

Em 31 de maio de 1986, acompanhei o Presidente Thomas S. Monson e o Élder Ringger a reuniões com Adam Lopatka, encarregado de assuntos religiosos, e Tadeusz Dusik, diretor de assuntos não-católicos, e seu gabinete. Manifestamos-lhes duas esperanças: a de que jovens missionários pudessem entrar na Polônia, e a de que nos dessem permissão para comprar ou construir uma capela. Ambos os pedidos foram atendidos!

Em 15 de junho de 1989, fizemos a abertura de terra para a construção da primeira capela SUD em solo

polonês. Ela já está terminada e foi dedicada em 22 de junho de 1991.

Em 1º de julho de 1990, organizamos nossa primeira missão na Polônia, com sede em Varsóvia, tendo Walter Whipple como presidente. A primeira missionária chamada naquele país foi uma encantadora jovem, Ursula Adamska, que serviu na Missão Tacoma Washington. Ela agora reside em Varsóvia e ali participou do recente concerto do Coro do Tabernáculo, como narradora.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

No princípio da história da Igreja, muitos conversos firmes vieram da região recentemente conhecida como República Democrática Alemã. Karl G. Maeser, por exemplo, nasceu em Meissen, perto de Dresden. (Em 1875 ele se tornou diretor da Academia Brigham Young, de Provo, Utah.) Desde o final da II Guerra Mundial nossos membros têm cautelosa e tranqüilamente levado avante o trabalho, com grande devoção. A liderança muito zelosa do Presidente Monson, do Élder Wirthlin, Élder Asay, Élder Ringger e outras Autoridades Gerais conquistou o respeito de autoridades do governo, que descobriram que nossos membros são cidadãos decentes e honestos. Literalmente, a integridade moral e a fé inabalável destes santos resultaram na construção do templo em Freiberg.

O irmão Henry Burkhardt foi chamado como presidente daquele templo, e Inge, sua esposa, como superintendente. Durante muitos anos os Burkhardt foram líderes amados pelos santos da República Democrática Alemã. Certa ocasião, quando o Presidente Monson presidia uma conferência geral naquele país, pediu a todos os membros que alguma vez tivessem sido abençoados, chamados, designados,



ou inspiradamente aconselhados pelo Presidente Burkhardt que levantassem a mão. A maioria da congregação se manifestou! A influência dos Burkhardt era incalculável.

No dia 28 de outubro de 1988, o Presidente Monson e eu, acompanhados pelo Élder Ringger, pelo Presidente Burkhardt e outros líderes da Igreja, reunimo-nos com autoridades do governo, em Berlim Oriental. Fizemos dois pedidos diretos: Que nos fosse permitido trazer ao

país missionários naturais da República Democrática Alemã, e que os élderes dignos, daquela nação, pudessem sair e cumprir missões de dois anos em outras partes do mundo. A resposta a ambos os pedidos foi *sim!* Que momento histórico! (Vide Thomas S. Monson, “Graças a Deus”, *A Liahona*, julho de 1989, pp. 58–61.)

O governo prestou notável tributo ao Presidente Monson, que lhe perguntara a que países específicos

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND





FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



queriam que os missionários fossem ou não enviados. Após consulta em particular sobre o assunto, o porta-voz deles simplesmente respondeu: "Presidente Monson, confiamos no senhor! Pode mandá-los para onde desejar." E, assim, os primeiros missionários foram enviados à Inglaterra, aos Estados Unidos, ao Canadá, à Argentina e ao Chile, e todos cumpriram missões bem sucedidas e voltaram honrosamente a seu país.

Nosso primeiro pequeno grupo de missionários entrou na República Democrática Alemã em 28 de março de 1989, sob a liderança do Presidente Wolfgang Paul. O número deles já aumentou substancialmente. Em um ano e meio, foram batizados mais de 1.100 conversos.

Quando Presidente e Sister Paul se mudaram para Dresden, foi exigido que seus filhos estudassem russo, sendo-lhes designada uma professora. Eventualmente, ela foi convertida e batizada na Igreja, o mesmo acontecendo posteriormente com seus pais.

Em novembro de 1989 foi derrubado o muro de Berlim, e os eventos subsequentes levaram à unificação da Alemanha, em 3 de outubro de 1990. Menos de três semanas depois, em 21 de outubro, o Presidente Monson, o Élder Ringger e eu voltamos a Berlim para reorganizar a Igreja naquela parte da Alemanha. Cerca de 2.500 pessoas assistiram à sessão daquela conferência geral. Os santos sentiram-se felizes e gratos por estarem reunidos de novo!

Quase todos os membros da congregação estavam com os olhos marejados de lágrimas. Depois, reunimo-nos com mais de 150 missionários em Berlim.

Esta missão foi dividida em 1º de julho de 1991, e estabelecida a nova Missão Alemanha Berlim, tendo como presidente Manfred H. Schütze, que substituiu o Presidente Paul, cujos esforços pioneiros foram amplamente reconhecidos. O Presidente Magnus R.

Meiser substituiu o Presidente Paul na Missão Alemanha Dresden.

Agora, a Alemanha e seu povo estão politicamente reunidos, e os membros da Igreja estão, não apenas física, mas espiritualmente unificados na causa do Mestre, a quem amam e servem.

CHECOSLOVÁQUIA

O caminho para o reconhecimento da Igreja neste país foi tanto difícil como desalentador. Desde que recebemos as nossas designações para a Europa, Élder Ringger e eu viajamos à Checoslováquia pelo menos uma vez por ano, a fim de nos reunirmos com os líderes do governo em Praga. Duas viagens transoceânicas resultaram apenas em encontros desmarcados e esperanças destruídas, com a vaga declaração de que "seu pedido de reconhecimento ainda está sendo estudado". Ao retornarmos a Praga, em 6 de fevereiro de 1990, entretanto, descobrimos que a autoridade com quem estávamos negociando havia sido substituída. Quando seu sucessor ouviu nossa história completa, disse: "Seu pedido de reconhecimento será aprovado este mês. Seu povo poderá adorar de novo com toda a dignidade. Seus missionários poderão voltar novamente a este país." O reconhecimento foi concedido em 21 de fevereiro, e oficializado em 1º de março de 1990.

No momento daquela importante declaração, senti que o verdadeiro herói desta história foi nosso presidente de distrito na Checoslováquia, Jiří Šnederfler. Cerca de dois anos e meio antes, o Élder Ringger e eu soubemos que o reconhecimento só poderia ser formalmente solicitado por um membro da Igreja, natural *daquele país*. Assim, fomos à casa do irmão e da irmã Šnederfler e explicamos que recebêramos aquela informação do

Extrema esquerda: Jovens da Hungria assistindo a uma reunião de distrito em Budapeste. Esquerda: Alajosné Pekars (centro) com o filho Alajos e as filhas Nikolett e Cláudia, santos dos últimos dias de Budapeste.

encarregado do Conselho de Assuntos Religiosos. Sabendo que outros líderes e pensadores checos haviam sido aprisionados e mortos por suas crenças e idéias religiosas, dissemos ao irmão Šnederfler que nós, como líderes da Igreja, não podíamos exigir nem exigiríamos isso dele. Após refletir por alguns instantes, o irmão Šnederfler respondeu, humildemente: "Eu irei! Eu farei isso!" Ao ouvi-lo fazer essa afirmação, sua esposa, Olga, começou a chorar. Eles se abraçaram e disseram: "Faremos tudo o que for necessário. É para o Senhor, e a sua obra é mais importante do que a nossa liberdade ou vida."

Alguns meses depois, quando os papéis tinham sido adequadamente preparados, o irmão Šnederfler apresentou-os pessoalmente. Então ele e nossos membros foram alvo de rigorosa observação. Os santos perseveraram com coragem e fé. Finalmente, após jejuns e orações periódicos e inteira conformidade com todos os requisitos, chegou o glorioso anúncio de reconhecimento. Como admiro os Šnederfler e todos aqueles membros destemidos, que suportaram tantos interrogatórios e riscos!

O irmão Šnederfler foi chamado a presidir o templo de Freiberg, Alemanha, em 1º de setembro de 1991, substituindo o Presidente Burkhardt, que prestou mais de seis anos de dedicado e fiel serviço. A irmã Olga Šnederfler servirá no templo como superintendente, substituindo a irmã Inge Burkhardt.

Em 1º de julho de 1990, após 40 anos de proibição, foi reaberta uma missão na Checoslováquia, tendo Richard W. Winder como presidente. Quando jovem, ele servira naquele país, em sua primeira missão. Sua esposa, Barbara, Presidente Geral da Sociedade de Socorro, foi desobrigada para acompanhar o marido na importante designação para a qual somente eles estavam tão bem qualificados.

HUNGRIA

Após receber autorização da Primeira Presidência, tive o privilégio de dedicar a Hungria no Monte Gellért, em Budapeste, no domingo de Páscoa, 19 de abril de 1987. Dois dias depois, Elder Ringger e eu nos reunimos com o encarregado do Conselho de Assuntos Religiosos, Imre Miklos. A recepção, de início, foi um pouco tensa. Obviamente não éramos bem-vindos nem desejados. As coisas não estavam indo particularmente bem. Fui inspirado, então, a informar àquele líder que dois dias antes daquela reunião eu havia oferecido uma oração apostólica especial por seu país e povo. Quando lhe disse isto, o seu semblante mudou. E começou a ouvir. Uma reunião planejada para trinta minutos durou uma hora e meia. Daquele momento em diante, ele passou a ser nosso amigo e advogado. Foram realizadas diversas reuniões posteriores, com grande êxito. Quatorze meses depois, o Elder Ringger e eu retornamos a Budapeste para cerimônias formais, com o sr. Miklos, em 14 de junho de 1988, que confirmavam o reconhecimento oficial da Igreja na Hungria.

Em outubro de 1989 foi realizado, em Budapeste, um seminário anual para todos os presidentes de missão da Europa e suas esposas. O Presidente Thomas S. Monson e a irmã Frances J. Monson estavam conosco. Naquele dia, 17 de outubro, o Parlamento Húngaro alterou o nome do país, de República Popular da Hungria, para República da Hungria. A nação agora se tornava uma democracia.

Uma nova missão foi aberta em 1º de julho de 1990, tendo James L. Wilde como presidente. Nossa capela de Budapeste foi dedicada pelo Presidente Monson e diversas congregações estão se desenvolvendo naquela capital e em outros centros promissores.



IUGOSLÁVIA

O Presidente Monson dedicou este país em 31 de outubro de 1985, pouco antes de ser chamado para a Primeira Presidência. Minha visita à Iugoslávia, como líder da Igreja, aconteceu em abril de 1987. O Elder Ringger e eu nos reunimos com os diretores de assuntos religiosos do governo da Sérvia e Croácia, bem como da Iugoslávia. Nosso intérprete foi Kresmir Cosic, que fora

um astro do basquete da Universidade Brigham Young. O irmão Cosic se tornara um herói esportivo nacional na Iugoslávia. Autoridades do governo confessaram que não estavam particularmente ansiosas para se reunir com os líderes eclesiásticos da Igreja “Mórmon”, mas ficaram entusiasmadas por poder conhecer o irmão Cosic, a quem admiravam e viam regularmente na televisão.

Agora temos uma capela oficialmente reconhecida em

FOTOGRAFIA DE PEGGY JELLINGHAUSEN



Extrema esquerda: Ivan e Bonnie Valek. Irmão Valek serve como presidente de Distrito dos santos da Iugoslávia. Esquerda: Crianças em um campo de refugiados

da Áustria encontram um missionário SUD alemão. Abaixo: Os élderes Cox e Kim Simpson, da Missão Áustria Viena Oriental, em Zagreb, Iugoslávia.

Zagreb e algumas congregações em outras cidades importantes. Élderes e casais missionários, servindo na Iugoslávia, saem atualmente da Missão Áustria Viena. Oramos sinceramente pela solução pacífica das discórdias civis que ora afligem essa nação. Muitas almas escolhidas vivem nesse belo país.

ROMÊNIA

Élder Ringger e eu fomos pela primeira vez a Bucareste, Romênia, em outubro de 1987, época em que tivemos uma entrevista preliminar com as autoridades do governo.

Retornamos em fevereiro de 1990, cinco semanas após a sangrenta revolução que derrubou a ditadura há muito dominante no país. Em 9 de fevereiro, autorizado pela Primeira Presidência, dediquei o país da Romênia no Parque Cismigiu — nome que, traduzido, significa parque de “alguém que carrega água”. Isso pareceu significativamente simbólico, considerando a mensagem do Senhor à mulher que encontrou junto ao poço, em Samaria. Jesus lhe disse: “Qualquer que beber desta água tornará a ter sede;

Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d'água que salte para a vida eterna” (João 4:13–14).

Perguntamos aos novos líderes do governo o que poderíamos fazer, como Igreja, para ajudá-los. Pediram que auxiliássemos os seus orfãos, e informaram-nos que só na cidade de Bucareste havia mais de trinta mil. Visitamos um dos orfanatos. Vi muitas cenas patéticas na vida, trabalhando em hospitais de caridade em Bombaim, Índia, e realizando cirurgias em condições difíceis, na República Popular da China e em outros lugares. Nenhuma situação, porém, pareceu-me tão

trágica como a que vi naquela instituição.

Os membros da Igreja contribuíram de forma generosa e humanitária para aliviar a situação. Presto particular homenagem aos santos da Europa, que abarrotaram inúmeros caminhões com alimentos necessários para suprir as necessidades daquelas infelizes crianças.

Muitos santos adultos, bem treinados e profissionalmente capazes, têm atendido a chamados para prestar serviços especiais em Bucareste, trabalhando voluntariamente, como fez Amon na época do Livro de Mórmon. Certamente os seus esforços são tão significativos como os de outros pioneiros, nos anais da história da Igreja.

Esses missionários agora servem sob a direção do presidente da Missão Hungria Bucareste. Congregações de membros e amigos interessados freqüentam regularmente a Igreja, na Romênia.

BULGÁRIA

Quando Élder Ringger e eu chegamos pela primeira vez em Sofia, Bulgária, em 30 de outubro de 1988, tínhamos sido levados a crer, por nosso contato indireto, que seríamos recebidos no aeroporto, e que as entrevistas devidas haviam sido marcadas. (Incidentalmente, descobrimos que a maioria dos líderes desses governos totalitários não confirmam qualquer compromisso por escrito.) Assim sendo, fomos à Bulgária com fé. Chegamos tarde da noite. Ninguém nos recebeu. Pegamos um táxi, que acabou nos levando ao hotel errado. Descoberto isso, tivemos que andar, de mala na mão, através de uma nevasca, até encontrarmos as acomodações corretas. Nossa frustração continuou no dia seguinte, quando as telefonistas bilingües do hotel não conseguiram nos

Direita: Um membro de Tallinn, Estônia, à esquerda, conversa com um aluno da Universidade Brigham Young, fora do teatro Bolshoi, em Moscou.

Extrema direita: Alexander Rutskoi (direita), vice-presidente da República da Rússia,

anunciou formalmente o reconhecimento da Igreja na Rússia, em 24 de junho de 1991. Com ele se acham (esquerda) o Presidente Gary L. Browning, da Missão Finlândia Helsinki Oriental, e o Élder Russell M. Nelson, do Quorum dos Doze.

ajudar a identificar as autoridades nem os líderes que precisávamos encontrar. Estávamos em um beco sem saída. Tudo o que podíamos fazer era orar, pedindo auxílio.

Nossas orações foram respondidas. De uma forma maravilhosa, um dia depois, às 10 horas da manhã, reunimo-nos com o sr. Tsviatko Tsvetkov, chefe do departamento de assuntos religiosos do país, que acabava de retornar à cidade, trazendo consigo seu intérprete. Era incrível!

No início, o clima da reunião foi bastante frio. Ele não sabia que íamos chegar, e, por meio do intérprete, vociferou: "Nelson? Ringger? Mórmons? Nunca ouvimos falar em vocês."

Respondi: "Então estamos quites. Também nunca ouvimos falar do senhor. Já é tempo de nos conhecermos." Todos riram e, em seguida, tivemos uma excelente reunião.

O Élder Ringger e eu retornamos a Sofia em fevereiro de 1990, época em que, com a autorização da Primeira Presidência, foi proferida uma oração apostólica em 13 de fevereiro, no Parque Na Svobodata, que significa "Parque da Liberdade".

Nesta visita reunimo-nos novamente com o sr. Tsvetkov e outras autoridades do governo, e também com muitos representantes da mídia. O diretor da Fundação Internacional da Bulgária perguntou se poderíamos ajudar a providenciar professores de inglês. Asseguramos-lhe que sim. Chamamos e enviamos professores de inglês capacitados, a fim de atender àquela solicitação. Este diretor veio à Cidade do Lago Salgado em outubro de 1990 para consolidar nossa amizade. Com gratidão ele elogiou a obra realizada por nossas missionárias e casais missionários, que haviam começado a ensinar na Bulgária. Seus contatos forneceram excelentes referências, e diversas pessoas se filiaram à Igreja desde aquela época.

Uma nova missão da Igreja, a 268ª, foi criada em 1º de julho de 1991. Kiril Kiriakov agora preside a Missão Bulgária Sofia. O Presidente e a irmã Kiriakov são naturais da Bulgária. O reconhecimento oficial da Igreja foi concedido pelo governo do país em 10 de julho de 1991. As congregações de santos e amigos estão crescendo na Bulgária.

GRÉCIA

Desde a nossa primeira designação em Atenas, em dezembro de 1985, até agora, o crescimento da Igreja na Grécia tem sido constante. A Missão Grécia Atenas foi aberta em 1º de julho de 1990, tendo R. Douglas Phillips como presidente. Os ramos da missão da Grécia antigamente se achavam sob a direção da Missão Áustria Viena, e, mais tarde, da Missão Áustria Viena Oriental. Nossos membros da Grécia sentem-se emocionados por terem seus próprios missionários de tempo integral para ensinar os amigos e fortalecer os ramos. Eles estão realizando uma grande obra naquele país abençoado pela ministração pessoal de apóstolos, tanto antigos como modernos.

ALBÂNIA

Em 1967 este país proibiu a religião e declarou-se oficialmente ateu.

Apesar disso, Élder Dallin H. Oaks e Élder Ringger visitaram Tirana, capital da Albânia, em abril de 1991, e conheceram líderes e circunstâncias desta pequena nação, que apenas recentemente havia abolido a sua antiga cláusula constitucional sobre o ateísmo. Oportunidades para que este povo seja abençoado pelo evangelho e generosidade dos membros da Igreja agora parecem maiores do que nunca.



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



FOTOGRAFIA-CORTESIA DO CHURCH NEWS

UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS (URSS)

A URSS foi a união de quinze repúblicas, uma das quais era a República da Rússia. As outras incluíam a Armênia, Geórgia, Ucrânia, o Azerbaijão, e os Estados Bálticos.

Embora eu tenha estado na União Soviética três vezes, anteriormente, como cirurgião, o Elder Ringger e eu visitamos pela primeira vez Moscou, como líderes da Igreja, em junho de 1987, em uma viagem muito importante de reconhecimento. Reunimo-nos com o encarregado do Conselho de Assuntos Religiosos e com os líderes de outras denominações, inclusive da Igreja Ortodoxa Russa, protestante e judaica. Atendendo ao convite do rabino Adolph Shayevich, assistimos a uma cerimônia de bar mitzvah (N.T. — cerimônia judaica que admite o menino na comunidade adulta) na sinagoga de Moscou.

Retornamos em agosto de 1989, a fim de participar, juntamente com os filantropos Dr. Armand Hammer, da Califórnia, e John M. Huntsman, de Utah, da assinatura de um acordo, em 8 de agosto, para que a Igreja ajudasse as vítimas do terrível terremoto de dezembro de 1988, ocorrido na Armênia. Quero aproveitar a oportunidade para expressar minha gratidão pela fé e generosidade dos membros da Igreja, que contribuíram generosa e espontaneamente para esta causa. Embora a Igreja nunca tivesse solicitado um centavo, os membros do mundo inteiro fizeram valiosas contribuições voluntárias, diretamente, ou por meio de seus bispos e presidentes de ramo.

Em ambas as visitas que fizemos à União Soviética, reunimo-nos com o encarregado do Conselho de Assuntos Religiosos e soubemos que o reconhecimento de uma Igreja não era concedido em nível federal, mas

apenas localmente. O pedido teria que ser feito pelo menos por vinte membros adultos da Igreja, todos cidadãos soviéticos e residentes naquele distrito político. Também, como acontece em outras daquelas províncias, não era permitida a pregação do evangelho em público, por ser considerada ofensiva aos direitos dos que preferiam não crer em religião alguma. Achavamo-nos, portanto, em um verdadeiro dilema. Sem missionários, como poderíamos ter uma congregação de vinte membros em qualquer distrito? E como poderíamos pregar o evangelho, sem termos vinte membros para que pudéssemos obter o reconhecimento oficial? Lembrem-se, porém, de que “Para Deus nada é impossível”. Dentro de alguns meses tínhamos uma congregação de vinte membros ou mais em Leningrado. (agora S. Petersburgo)!

A conversão destes membros pioneiros da Igreja é verdadeiramente um maravilhoso estudo a respeito das obras do Senhor. Nosso presidente de ramo e sua esposa conheceram a Igreja e foram batizados em 1º de julho de 1989, quando moravam em Budapeste, Hungria. Mestres familiares conhecedores do idioma russo foram enviados de Helsinki, Finlândia, para visitar estes recém-conversos, quando retornaram a Leningrado. Outra mulher deixou temporariamente a cidade e conheceu a Igreja de maneira milagrosa. Esta jovem mãe, chamada Svetlana, tinha suplicado ao Senhor em oração que lhe possibilitasse conseguir uma Bíblia em russo, que é uma obra rara, preciosa e muito cara. Em outubro de 1989, ela, o marido e um filho pequeno foram a Helsinki, procurar uma Bíblia. Ao caminhar por um parque da cidade ela pisou em um objeto encoberto pelas folhas de outono, espalhadas pelo chão. Apanhou-o e descobriu ser a resposta às suas orações. Era uma Bíblia escrita em russo. Tão entusiasmada ficou, que alegremente contou a história de sua descoberta a outra mãe que estava sentada no parque, com seu filho pequeno. A mulher lhe

Extrema direita:
Assistentes do concerto
dão ao Coro do
Tabernáculo uma
recepção entusiástica no
Philharmonic Hall de
Leningrado (direita),
última apresentação do
coral em sua histórica

excursão de 1991.
Abaixo: O Élder e Irmã
Russell M. Nelson e os
membros do Coro do
Tabernáculo visitaram
alguns lugares
interessantes de
Leningrado.

perguntou: “Gostaria de ter *outro* livro a respeito de Jesus Cristo, também escrito em russo?” A resposta de Svetlana obviamente foi afirmativa. Ela então lhe entregou um exemplar em russo do Livro de Mórmon e convidou-a a visitar a Igreja. Esta outra mãe era Raija Kemppainen, esposa de Jussi Kemppainen, que na época presidia o Distrito Báltico da Missão Helsinki Finlândia. Tempos depois, Svetlana se filiou à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias e retornou a Leningrado com a família.

Estes primeiros conversos levaram amigos a seus lares para escutarem as novas do evangelho restaurado de Jesus Cristo, e muitos deles jubilosamente aceitaram a mensagem dos missionários e foram batizados.

Em 26 de abril de 1990 reunimo-nos com autoridades do governo e subseqüentemente demos entrada aos papéis para o reconhecimento do Ramo de Leningrado. Naquele mesmo dia ofereci uma oração de gratidão e rededicação do país, em Summer Gardens, perto do Rio Neva, logo atrás do Campo de Marte, onde em 6 de agosto de 1903 Francis M. Lyman, do Conselho dos Doze, havia dedicado a Rússia à pregação do evangelho.

Nosso pedido de reconhecimento oficial do Ramo de Leningrado foi concedido em 13 de setembro de 1990, estabelecendo assim um importante precedente que deu margem à organização de congregações em outras cidades.

O primeiro missionário com passaporte da URSS foi o élder Jaanus Silla, de Tallinn, Estônia. Após ser batizado ele almejava cumprir uma missão; todavia, obstáculos práticos pareciam tornar isso impossível. Ele precisava de um visto de saída, de recursos para a missão e do apoio da mãe. Seu presidente de missão, Steven R. Mecham, aconselhou-o a guardar os mandamentos e a ter fé, para que seu desejo fosse atendido. Isto veio a acontecer de

forma maravilhosa. Os obstáculos foram removidos. O élder Silla agora serve na Missão Utah Cidade do Lago Salgado!

Poderíamos mencionar muitas histórias semelhantes sobre a mão do Senhor dirigindo a sua obra. Cabe um mérito especial ao Presidente Mecham, que presidia a Missão Finlândia Helsinki, quando demos nossos primeiros passos cuidadosos no distrito báltico da União Soviética — em Leningrado, em Vyborg e em Tallinn, capital da Estônia. Esta importante obra agora está sendo executada e magnificada por Gary L. Browning, presidente da Missão Finlândia Helsinki Oriental, criada em 1º de julho de 1990.

Com autorização da Primeira Presidência, dediquei a Estônia em 25 de abril de 1990. O local escolhido, de onde se descortina a cidade de Tallinn e o Mar Báltico, chama-se Laululava. Alguns estonianos dizem que a alma de seu país ali reside. Naquele local existe um anfiteatro natural, onde as pessoas vão cantar em grande número. No topo da colina situada logo acima, de manhã bem cedo, a oração especial de dedicação foi oferecida, à sombra de pinheiros.

No devido tempo o povo da Lituânia e Letônia também conhecerá a Igreja e seu precioso evangelho de salvação, embora atualmente não tenhamos ramos nesses países.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias foi reconhecida oficialmente pela República da Rússia em 28 de maio de 1991. Esta decisão histórica foi anunciada em Moscou, em 24 de junho de 1991, pelo vice-presidente da república, Alexander Rutskoi. A Rússia, assim, juntou-se à Estônia, como a segunda das quinze repúblicas antigamente pertencentes à URSS a reconhecerem oficialmente a Igreja.

Para auxiliar os membros da URSS em sua nova fé e esforço missionário, foram chamados missionários de



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



tempo integral. No começo eles entravam no país com vistos de turistas, prestavam ajuda, depois retornavam à sede (Helsinki ou Viena), após um breve período de três ou quatro dias. Os missionários entraram pela primeira vez em Tallinn em 08 de dezembro de 1989, em Leningrado em 19 de janeiro de 1990, em Kiev em 7 de outubro de 1990, em Moscou em 18 de outubro de 1990. Em julho de 1991, cada uma destas cidades tinha dois ramos.

O primeiro batismo de um converso russo por um sacerdote SUD russo aconteceu em Leningrado, em 17 de fevereiro de 1990. Nesse meio tempo, muitos cidadãos soviéticos conheceram a Igreja quando residiam temporariamente em países distantes e depois retornaram para ajudar a Igreja que crescia em suas cidades de origem. Eles ilustram a verdade de que realmente surgem oportunidades de organizar a Igreja no mundo inteiro aos que consideram os recém-conversos

FOTOGRAFIA-CORTESIA DO CHURCH NEWS





FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



não mais “estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus” (Efésios 2:19).

Agora há membros residindo em Kurgan, Leningrado (hoje chamada S. Petersburgo), Moscou, Sochi, Vyborg, e Zelenograd, Rússia; Tallinn, Estônia; Kiev, Ucrânia; Sukhumi, Geórgia, e outras cidades.

Em junho de 1991, a República da Armênia doou à Igreja um terreno para a construção de um edifício em sua capital, Yerevan, em agradecimento pela ajuda prestada à Armênia pela Igreja e seus membros do mundo inteiro. Por exemplo, John M. Huntsman, sua esposa Karen e família contribuíram com seus recursos e esforços pessoais para socorrer milhares de desabrigados, vítimas do terrível terremoto de dezembro de 1988. David M. Horne, um empreiteiro de construção da Cidade do Lago Salgado, aceitou o chamado especial da Igreja para doar seu tempo e usar suas aptidões para ajudar a construir lares seguros para essas vítimas. Foi dedicada em Yerevan, em 24 de junho de 1991, uma fábrica de concreto pré-fabricado, que fornecerá unidades suficientes para construir 6.500 apartamentos e moradia a 25.000 pessoas anualmente.

A República da Armênia foi dedicada em 24 de junho de 1991, por Élder Dallin H. Oaks. Ele e eu ficamos lado a lado, em um cume de onde se via a cidade de Yerevan, perto do monumento que representava a mãe da Armênia. Não muito distante, víamos o pico coberto de neve do Monte Ararate, onde pousou a arca de Noé. (Vide Gênesis 8:4.)

Em junho de 1991, o Coro do Tabernáculo fez uma excursão artística por oito países da Europa. Foram incluídas em seu itinerário apresentações em Varsóvia, Polônia; Friedrichsdorf, Frankfurt, Dresden e Berlim, Alemanha; Budapeste, Hungria; Praga, Checoslováquia; Moscou e Leningrado, na URSS. Foram realizados concertos em Strasburgo, França; Zurique, Suíça; e

Viena, Áustria. Em todos os lugares onde eles cantaram suas belas canções de fé e devoção, corações foram tocados. O impacto desta importante excursão foi amplamente relatado em artigos publicados nas revistas da Igreja. (Vide Jay M. Todd, *A Liahona*, abril de 1992; e Russell M. Nelson, “Estes . . . Foram Nossos Exemplos”, *A Liahona*, janeiro de 1992, pp. 66–68.)

Elder Oaks e eu tivemos o privilégio de acompanhar o Coro do Tabernáculo naquela importante excursão. Ao voltarmos, relatamos ao Presidente Ezra Taft Benson, em 3 de julho de 1991, o sucesso daquele empreendimento. Mostramos-lhe cópias autenticadas de documentos atestando o pleno reconhecimento da Igreja na República da Rússia. Jamais esqueceremos seu olhar de contentamento. Aquela se tornou uma das nossas mais caras lembranças, desde que fomos chamados ao Quorum dos Doze, em 1984. Comovidos lembramo-nos de que o Presidente Benson muitas vezes se referira à sua inesquecível experiência pessoal do dia em que, corajosamente, falou do púlpito de uma igreja em Moscou, em 1º de outubro de 1959, dizendo à congregação:

“Nosso Pai Celestial não está distante. Ele pode estar muito perto de nós. Deus vive, eu sei que ele vive. Ele é nosso Pai. Jesus Cristo, o Redentor do mundo, zela por esta terra. Ele dirigirá todas as coisas. Não temais, guardai os mandamentos, amai-vos uns aos outros, orai pela paz, e tudo irá bem.”

O Presidente Benson observou: “Quando cada sentença era traduzida para a congregação, eu via mulheres pegarem seus lenços e, como descreveu alguém que lá estava, ‘começarem a acená-los, como uma mãe dizendo o derradeiro adeus a seu único filho.’”

Este profeta, que presidiu a Igreja durante o período descrito neste relatório, que pregou a liberdade e exortou os santos de todas as partes do mundo a lerem o Livro de

Extrema esquerda: Dois membros soviéticos assistem à reunião sacramental em Moscou.

Esquerda: Membros do Coro do Tabernáculo passeiam pela famosa Praça Vermelha em Moscou.

Mórmon, fazendo com que suas preciosas páginas “varram a terra como um dilúvio” (Moisés 7:62), viveu para colher parte da safra que lhe cabia, com as notícias de que a Igreja estava organizada na República da Rússia!

PERSPECTIVAS E RETROSPECTIVAS

Este artigo, em certos aspectos, é tanto um resumo como um relatório final, de uma designação pessoal. Ele retrata o meu testemunho ocular de partes de meu ministério na Europa, durante mais de cinco importantes anos. A Primeira Presidência mudou, recentemente, as designações dos membros do Quorum dos Doze. Eles sabem que todos os membros desse quorum sagrado, à medida que avançam pelas cadeiras de sucessão e de antigüidade, devem ampliar seu conhecimento da Igreja e de seu povo em todos os aspectos da obra, e em todas as partes do mundo. Conseqüentemente, em 1º de dezembro de 1990, a responsabilidade de realizar primeiros contatos na Europa foi transferida para as mãos capazes de Élder Dallin H. Oaks, que já fez muitas contribuições notáveis nessa posição.

Durante as minhas numerosas designações na Europa (e em outros continentes) minha companheira, Dantzel, e nossa família, apoiaram-me com suas orações e fé. Eles não reclamaram, apesar do risco de prováveis hostilidades enfrentado em algumas destas aventuras. Reconheço com gratidão o apoio que me deram.

O drama que documentei (e, pelo índice de crescimento da Igreja, sem dúvida este artigo estará superado na época da sua publicação), focalizou simplesmente uma parte do progresso da Igreja na Europa. Nesse meio tempo, orações apostólicas de dedicação foram proferidas em outros países da África,

América do Sul, América Central, Pacífico Sul e Ásia.

À medida que o trabalho progride de modo “inacreditável”, como dizem alguns, devemos lembrarnos de uma notável advertência feita pelo Senhor, por meio do Profeta Joseph Smith, em 11 de setembro de 1831, aos élderes da Igreja reunidos na Fazenda Morley, perto de Kirtland, Ohio. Ali disse o Mestre: “Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes” (D&C 64:33).

O Presidente Wilford Woodruff registrou mais detalhadamente o incidente. Ele escreveu: “Na noite de domingo, o Profeta reuniu todos os portadores do sacerdócio na pequena escola que ali havia. Era bem pequena, tendo talvez 13 metros quadrados, mas comportava todo o sacerdócio de A Igreja de Jesus Cristo do Santos dos Últimos Dias existente na cidade de Kirtland . . . Quando nos achávamos reunidos, o Profeta exortou os “Élderes de Israel a, com ele, prestarem testemunho desta obra . . . Ao concluírem, ele lhes disse: ‘Irmãos, fui muito edificado e instruído pelos testemunhos que prestaram esta noite. Quero dizer-vos, entretanto, perante o Senhor, que não sabeis, a respeito dos destinos desta Igreja e deste reino, mais do que uma criancinha no regaço materno. Não o compreendeis . . . (ele) encherá a América do Norte e do Sul — ele encherá o mundo todo’.” (Conference Report, 6 de abril de 1898, p. 57.)

O Profeta conhecia o destino desta Igreja. Estamos vivendo agora parte do crescimento previsto por ele há mais de um século.

Oro para que todos nós tenhamos essa mesma compreensão e fé. Testifico-vos que Deus vive. Jesus é o Cristo. Esta é a sua Igreja, e sua obra encherá o mundo para abençoar o seu povo, no devido tempo do Senhor. □

Nossa Diversidade, Nossa Irmandade

Quando Monika Fullmer servia em uma presidência da Sociedade de Socorro na Alemanha, conheceu Anne, uma irmã menos ativa. (O nome foi mudado.) As professoras visitantes de Anne a incentivavam a ir à igreja, mas ela hesitava em voltar, depois de tanto tempo afastada. As irmãs finalmente a convenceram de que seria recebida de braços abertos.

A princípio Anne se sentava no fundo da capela, mas aos poucos, percebendo a aceitação das irmãs, começou a sentir-se à vontade. A presidência da Sociedade de Socorro logo foi inspirada a pedir que a chamassem como líder de música da Sociedade de Socorro. Mesmo tendo pouco conhecimento de música, Anne aceitou a designação. Com o apoio das irmãs da Sociedade de Socorro, aprendeu a desempenhar sua função e depois aceitou outros cargos de liderança na ala. Com o tempo, o marido de Anne foi batizado, e sua família foi selada no templo.

“Sempre que penso em fraternidade, penso em Anne”, diz a irmã Fullmer. “O amor e a aceitação das irmãs da Sociedade de Socorro fizeram-na sentir-se bem recebida — e depois necessária”.

UNIR PARA SERVIR

Quando o Profeta Joseph Smith organizou a Sociedade de Socorro em março de 1842, as vinte primeiras componentes estavam unidas em propósito e fé, mas sua



ILUSTRAÇÃO DE LORI ANDERSON

condição de vida era bastante diferente. Algumas eram viúvas de líderes da Igreja e tinham filhos pequenos. Uma era noiva de um dono de armazém que não era membro da Igreja. Outras eram solteiras, porém, cada mulher contribuiu com seus talentos individuais para o início dessa obra de caridade.

Em 1992, nossas 2.780.000 integrantes da Sociedade de Socorro estão espalhadas pelo mundo todo. Representamos raças e culturas diferentes, em todos os fusos horários. Temos capacidades diferentes. E no entanto, somos membros da mesma sociedade. Como ensinou o apóstolo Paulo, somos todas parte do corpo de Cristo:

“Agora pois há muitos membros, mas um corpo.

E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti: nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós . . .

Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular” (I Coríntios 12:20–21,27).

Como talentos diferentes podem abençoar nossos esforços comuns?

ABENÇOAR INDIVÍDUOS

Um espírito de união ainda nos leva a valorizar nossa diversidade, enquanto combinamos esforços. “Queremos que cada mulher valorize seus próprios dons”, diz a Presidente Elaine L. Jack. “Procurai descobrir os talentos de outras pessoas. Apreciai vossas diferenças e semelhanças, ao vos abençoardes reciprocamente.”

Poucos anos após ter sido batizada, Sandra Edwards, de Kingston, Tennessee, divorciou-se, perdeu a mãe devido a um ataque cardíaco, e depois perdeu o filho num trágico acidente de automóvel. Durante essas crises, os membros do ramo foram sua tábua de salvação. Eles a ajudaram a mudar-se, cuidaram de seus filhos, levaram-lhe comida, e deram-lhe coragem, amor, e apoio. “Nem uma só vez ouvi qualquer palavra de crítica”, diz ela. “Nem uma só vez senti-me abandonada, envergonhada, sozinha, indesejada, ou desprezada.”

“Temos de nos esforçar muito”, aconselha o Élder John K. Carmack, “para criar unidade, apesar da diversidade . . . Cada um de nós deve designar a si mesmo como ‘comitê de uma única pessoa’, para criar condições de integração, aceitação e unidade, onde quer que nos encontremos” (*Ensign*, março de 1991, p. 9).

Como podemos mostrar que valorizamos cada pessoa? □

O DOMINGO EM QUE DESCOBRI O DIA DO SENHOR

Clytee Kleager

Após minha conversão à Igreja, levei algum tempo para compreender todos os princípios do evangelho. Alguns mandamentos e certas doutrinas — como santificar o Dia do Senhor, por exemplo — não ficaram muito claros para mim, no princípio.

Antes de ser batizada, eu liderava um grupo de jovens que participava de muitas atividades recreativas, nas tardes de domingo. Essas atividades iam desde jogar futebol americano até empinar papagaio. Não via nada de errado nisso, mesmo depois de ser batizada. Achava que estava contribuindo para o sentimento de solidariedade do grupo e aumentando a camaradagem entre eles. Houve uma determinada tarde de domingo, contudo, que me fez pensar no que estava fazendo.

O grupo desejava jogar hóquei sobre o gelo, mas não havia um número suficiente de jogadores. Então tive uma grande idéia. Por que não telefonar aos Harrison — a família do presidente do ramo? Quatro de seus sete filhos tinham idade suficiente para jogar. Dobraríamos o número de

participantes e seria uma boa maneira de fazer com que os jovens conhecessem alguns membros da Igreja. Telefonei a Les, que era o mais velho, e ele concordou entusiasmado.

Quando entrei na casa deles, entretanto, e enquanto esperava que pegassem seus patins, percebi que algo estava errado. O presidente Harrison parecia aborrecido, e Les, confuso, dando a perceber que eu havia interrompido uma séria discussão entre eles. Finalmente, o silêncio foi quebrado, quando o presidente olhou para mim e disse-me gentilmente que seus filhos tinham livre-arbítrio, mas que ele não aprovava o que iam fazer. Não sabia eu que era domingo? Três dos quatro irmãos foram comigo, mas saí da casa com uma sensação de culpa.

Recebi a revista da Igreja naquela semana e encontrei vários artigos que tratavam do Dia do Senhor. Li a revista de capa a capa, para ver o que os líderes da Igreja diziam sobre o assunto. Fiz uma lista detalhada do que não devia fazer no domingo e resolvi que iria santificar esse dia, mesmo que isso me matasse.



FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN



**Nossa visita às duas irmãs
do asilo nos ajudou a
transformar o domingo no
Dia do Senhor. Quando
lemos escrituras para elas e
cantamos hinos, sentimos
que precisavam de nós, e
isso nos alegrou.**

No domingo seguinte, encontrei-me imaginando o que fazer. Estava seguindo a letra da lei, mas não o espírito do Dia do Senhor, e, definitivamente, algo estava faltando. O episódio do jogo de hóquei fora na época de Natal, e janeiro teve vários domingos, mas nenhum Dia do Senhor.

Em fevereiro, porém, um novo converso, chamado Keith, mudou-se para nosso pequeno ramo. Ele fora batizado havia cinco meses e tinha o entusiasmo de quatro novos missionários em um só. Quando a universidade que freqüentávamos anunciou um programa de “adoção de avós” que moravam em um asilo local, Keith sugeriu que nós dois, os únicos alunos SUD no campus, participássemos, a fim de darmos um bom exemplo. Decidimos visitar dois membros do ramo que viviam no asilo, mas isso ficou só na conversa.

Foi então que o presidente Harrison fez um discurso sobre fé. Disse que fé era transformar palavras em ações. Naquela tarde, Keith e eu resolvemos visitar as irmãs que estavam no asilo.

Nossa primeira visita foi um desastre. Conversamos com cada irmã separadamente, e, na verdade,

não passamos de um “Como vai?” “Bem.” Quando saímos, havíamos aprendido duas coisas: primeiro, elas precisavam de nós; segundo: poderíamos melhorar nosso desempenho. E, embora tivéssemos passado a maior parte da tarde do domingo seguinte dirigindo os 240 quilômetros que separavam o local da conferência do distrito, de nossa casa, Keith e eu convencemos Les Harrison, a irmã deles, LeAnn, e Portia (estudante de enfermagem), a visitarem as duas mulheres conosco.

Levamos as duas irmãs, em cadeiras de rodas, para um canto sossegado. Keith leu um artigo da revista da Igreja, Les leu uma escritura, e Portia proferiu uma bela oração. A experiência nos fez muito bem e, no domingo seguinte, fomos vê-las com sete outros jovens. Com a permissão do presidente Harrison, Les e Keith abençoaram o sacramento e deram-no às irmãs. Depois nós as levamos a uma capelinha que havia no asilo e cantamos um hino. Revezamo-nos lendo um artigo da revista da Igreja, depois uma poesia e uma escritura. Finalizamos com um hino e uma oração.

Eram três horas quando saímos, e

como estávamos todos com fome, Les nos convidou a tomar uma sopa na casa dele. Assim, lá estava eu novamente na casa do presidente do ramo, numa tarde de domingo — mas dessa vez foi muito diferente de quando fora lá procurando alguém para jogar hóquei sobre o gelo. Durante a semana, nós sete ficávamos espalhados pela cidade, e muitos de nós não tínhamos família na Igreja. Durante duas horas, naquela tarde de domingo, porém, sentamo-nos ao redor da mesa, com os pais de Les, e conversamos, contamos coisas divertidas, histórias e problemas enfrentados por santos dos últimos dias solitários no campo missionário. Foi, verdadeiramente, uma experiência inspiradora.

Quando finalmente voltei para casa, às dez horas da noite, após várias outras reuniões, não dava mais tempo para trabalhar na minha história da família ou escrever a um missionário, como planejava. Quando me ajoelhei para orar, naquela noite, compreendi que havia mais coisas a fazer, no Dia do Senhor, do que seria possível realizar em um só dia. Agradei ao Pai Celestial o dia especial que ele reservara para nosabençoar. □



POR QUE UMA MISSÃO É TÃO ESSENCIAL?

Sei que todos esperam que eu cumpra uma missão, mas não tenho certeza de querer fazê-lo. Sei que é uma coisa boa, mas também há outras maneiras boas de passar esses dois anos. Por que uma missão é tão essencial?

Respostas dadas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

NOSSA RESPOSTA:

Observe sua ala e escolha alguém que você admire e que tenha cumprido missão — alguém que realmente o impressione. Pergunte a essa pessoa se a missão valeu a pena. Essa pessoa provavelmente lhe dirá que a experiência da missão foi inestimável.

Por outro lado, aqueles que podem servir e não servem, freqüentemente se arrependem. Veja por exemplo o caso do médico que contou: “Na faculdade eu disse a meus amigos que *minha* missão era tornar-me médico. Assim, enquanto meus colegas de classe passaram dois anos servindo ao Senhor, eu continuei meus estudos. Agora, trinta anos depois, considero minha vida de uma perspectiva diferente. Embora eu tenha podido amenizar o sofrimento físico das pessoas dois anos antes que meus amigos que cumpriram missão, eles amenizaram o sofrimento espiritual. Meu socorro médico durou apenas alguns anos, mas o socorro espiritual deles durará por toda a eternidade. Não há diferença agora entre a

minha prática médica e a de meus amigos que cumpriram missão. Hoje, vejo que fui imprudente e egoísta.”

Há, no entanto, razões melhores para cumprir uma missão do que simplesmente evitar o remorso. O Pai Celestial lhe faz um convite pessoal, para que lhe dê dois anos de sua vida e devote vinte e quatro horas por dia ao serviço dele. Que oportunidade! Que maneira de mostrar ao Senhor o quanto o ama! O que estará dizendo ao Pai Celestial, se desprezar essa oportunidade?

E ainda há o crescimento pessoal. As experiências de aprendizagem que terá na missão não podem ser obtidas de nenhuma outra forma. Concentrando-se inteiramente em sua missão, voltará uma pessoa muito melhor, por ter servido. Aprenderá lições inestimáveis sobre como se relacionar com as outras pessoas e como aplicar os ensinamentos do evangelho em sua vida; compreenderá melhor as escrituras e a doutrina da Igreja; e, acima de tudo, aprenderá a amar.

Veja, dando os passos que o Senhor deu enquanto estava nesta terra — ensinando a mensagem mais importante que o mundo pode ouvir — aprenderá a amar como o Salvador amou. Irá compreendê-lo melhor e terá mais simpatia pela missão dele. Aprenderá como amar mais profundamente sua família e amigos, porque, depois de seguir o exemplo do Senhor, será capaz de vê-los da mesma perspectiva que ele os vê.

Naturalmente, sua missão não será uma série gloriosa de revelação e experiências espirituais. O trabalho missionário é difícil — provavelmente a coisa mais difícil que já fez em sua vida até agora. Descobrirá, porém, um sentimento de realização, mesmo nas suas provações. Poderá dizer ao Pai Celestial: “Sim, Senhor, suportarei até mesmo isso por vós.” Isso lhe dará autoconfiança espiritual e ajudá-lo-á a formar um laço de união com o Pai Celestial, que pode durar eternamente.

E pense só na alegria que terá, dedicando-se, dois anos, a ajudar os outros! Há bilhões de pessoas que estão famintas da verdade. Poderá ser um instrumento nas mãos de Deus para tornar a vida delas mais plena e completa. Pense em todas as bênçãos que o evangelho de Jesus Cristo lhe trouxe na vida. Quer que seus irmãos e irmãs nesta terra caminhem cegamente pela vida, sem essas bênçãos?

É claro que há outras coisas boas que pode fazer com esses dois anos. Pode freqüentar a escola. Pode trabalhar e ganhar dinheiro. Pode casar-se e iniciar uma família, mas o que está dizendo ao Senhor, quando coloca alguma coisa à frente daquilo que ele lhe pede? Além disso, todas essas coisas estarão à sua disposição quando voltar. Acha que o Pai Celestial deixará que perca alguma oportunidade, enquanto dedica seu tempo ao serviço dele?

Bem, há muitas pessoas que, por saúde ou outras razões, não podem cumprir uma missão. Há algumas pessoas que se filiaram à Igreja com mais idade e não tiveram a oportunidade de servir. O Senhor deixa claro para essas pessoas que aceita com satisfação quaisquer ofertas que elas possam fazer, e, se trabalharem juntas, ele as ajudará a aprender as coisas que não tiveram a oportunidade de vivenciar em uma missão.

No entanto, se estiver em condições de cumprir uma missão, não lamentará os dois anos que passar devotando seu coração, poder, mente, e força ao Senhor. Até passar pela experiência, não poderá nem imaginar “quão grande será a vossa alegria” (D&C 18:10-17).

RESPOSTAS DOS JOVENS:

Eu havia acabado de me formar na escola secundária e começado a

trabalhar como disc-jockey em uma estação de rádio. Como estava ganhando dinheiro e obtendo uma experiência valiosa no campo da comunicação, o pensamento de cumprir uma missão estava cada vez mais afastado de minha mente. Depois de muito pensar, aceitei o chamado missionário. Fiz uma grande missão e cresci o suficiente para saber que algumas coisas na vida não são tão importantes quanto às vezes achamos que são. Quando voltei para casa, a estação de rádio para a qual trabalhara antes da missão me chamou e perguntou-me se gostaria de voltar. Voltei e tive a grande oportunidade de cobrir o setor esportivo, o que sempre quis fazer.

Tremo quando penso na época em que considere a idéia de não ir para a missão, a fim de lutar por meus próprios objetivos. Sei que o Senhor vai abençoá-lo em suas atividades na vida, quando decidir colocar o trabalho dele em primeiro lugar.



*Scott C. Miller, 23
Bountiful, Utah*

Quando era pequeno, não recebi nenhum treinamento de meu pai, mas o campo missionário tem me

dado todo o treinamento de que precisava do Pai Celestial. Mudou minha vida.



*Élder Ohajuru, 22
Aba, Nigéria*

Quando li sua pergunta, ela me perturbou. Conheço esses sentimentos bem demais. Eu realmente queria começar minha vida, casar, freqüentar a escola, e ser responsável por mim. Na verdade, tudo na minha vida era contrário a cumprir uma missão, mas agora estou trabalhando nas mais humildes condições. Minha missão não foi sempre uma experiência agradável. Na realidade, os bons momentos que tenho são conquistados com muita dificuldade, porém, sou muito grato por ter aceitado o chamado. Não sinto saudades de todas as alegrias do mundo. Sei que estarão esperando por mim quando voltar, mas, depois de servir ao Senhor, poderemos experimentar as alegrias do mundo sob uma luz mais favorável.



*Élder William
Bosley, Jr, 20
Missão
Filipinas Ilagan*

Lembro-me de ter ouvido alguns ex-missionários dizerem: "Cumpra uma missão; você vai adorar!" Eu costumava pensar: "Ah, é claro que vou adorar", mas, de qualquer forma, aceitei meu chamado para a missão. Sabem de uma coisa? Eu realmente adoro a missão! Receber os agradecimentos de uma pessoa por levar-lhe o evangelho e ver sua vida mudar para melhor, faz tudo valer a pena.



*Elder Wayne Schlosser, III, 21
Missão
Pensilvania
Pittsburgh*

Cumprir uma missão é a melhor oportunidade de saber o que significa verdadeiramente compartilhar o evangelho.



*Sean Neave, 15
Capalapa,
Queensland,
Austrália*

Acho que cumprir uma missão é essencial. Todos os missionários que conheço guardam na memória suas experiências e dizem que não trocariam essa oportunidade por nada. Conheceram ótimas pessoas, fortaleceram seus testemunhos, e

divertiram-se muito. Não é apenas uma maneira fantástica de se aproximar do evangelho, mas também uma ótima maneira de agradecer ao Pai Celestial.



*Elizabeth Moyle, 16
Dunedin, Nova
Zelândia*

Se você sabe que é bom, peça a seu bispo ou presidente de ramo que o ajude. Ore e peça ao Pai Celestial que o oriente, a fim de fazer as coisas que são certas, e ele responderá as suas orações.



*Arlene Swaby, 16
Manchester, Jamaica*

Ouçá o seu coração, ore ao Pai Celestial, fale com seu bispo, ouça seus líderes, e siga os bons conselhos.

*Irene Mamea, 19
Pago Pago, Samoa Americana*

Depois de estar aqui no campo missionário durante algum tempo e de trabalhar junto aos missionários de tempo integral, posso honestamente dizer-lhe que não importa o

que fizesse durante dois anos, não aprenderia tanto nem seria tão feliz como se cumprisse uma missão. Sinto que o cumprimento de uma missão não deve ser encarado como um acontecimento de rotina, mas sim como um privilégio e uma bênção.



*Kami Henderson, 20
Okinawa, Japã*

Torne a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS útil, respondendo à pergunta abaixo. É favor enviar sua resposta antes de 1º de julho de 1992, para QUESTIONS AND ANSWERS, International Magazines, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150, USA. Inclua nome, idade, cidade, ala e estaca. Pode escrever (ou datilografar) em sua própria língua; as respostas serão traduzidas. Se possível, inclua também uma foto sua. A fotografia não será devolvida. Se sua resposta for muito pessoal, pode pedir que seu nome não seja publicado. Nem todas as respostas serão necessariamente aproveitadas.

PERGUNTA: Nosso lar não parece um lar de maneira nenhuma. É apenas um lugar para comer e dormir. Brigamos muito, e todos seguimos caminhos diferentes. O que posso fazer para unir a família? □

WISIT KHANAKAM

David Mitchell

No fundo da capela ensolarada, atrás da última fileira de bancos, um homem agachado dá alegremente a mamadeira a um bebê. Não é filho dele. Ele “o tomou emprestado” da mãe, para dar-lhe a oportunidade de se concentrar na aula de Doutrina do Evangelho, e para que ele próprio tivesse o prazer de embalar um bebê nos braços.

O homem é Wisit Khanakam, presidente do Distrito de Chiang Mai, na Tailândia, e o carinho que ele demonstra à criança é típico do carinho que ele dedica aos quinhentos membros dos três ramos onde serve.

Os membros sabem que o Presidente Khanakam vive os princípios do evangelho que ensina. Em sua casa, no dia anterior, ele disse: “Se há uma coisa que me ajuda, e que ajuda minha família a permanecer ativa na Igreja, é *viver* o evangelho. Isso não significa apenas orar, estudar as escrituras, cumprir um chamado, mas aplicar *todos* os princípios do evangelho em nossa vida diária.

Por exemplo, a Igreja nos ensina como desenvolver o amor e a

unidade na família — a mãe, o pai e os filhos se ajudando mutuamente. Como aconteceu hoje”, diz ele, “minha esposa precisava sair para trabalhar esta tarde. Eu tive de trabalhar de manhã, mas voltei para casa à tarde, a fim de cuidar de nossos dois filhos, lavar roupa e arrumar a cozinha”.

Enquanto ele fala, a filha Wisuchalak (apelidada de Buang), de sete anos, tendo acabado de acordar, entra sonolenta na sala. Vendo que o pai está ocupado, liga a televisão. Embora escolha um programa infantil, ele contém alguns desenhos assustadores. O pai a abraça e explica que o programa realmente não é adequado para ela, conseguindo fazer com que vá brincar lá fora com o irmão de oito anos, Wisoodthiporn, ou Ben. “Chamamo-lo Ben em homenagem ao rei Benjamim, do Livro de Mórmon”, explica o Presidente Khanakam.

“Há muito que fazer em casa”, diz ele. “São as atividades que realizamos em família que nos ajudam a edificar o testemunho e fortalecem-nos espiritualmente. Por exemplo, minha esposa faz

conservas das laranjas e mangas que colhemos. As crianças participam da colheita das frutas e do preparo e armazenamento. Também trabalhamos juntos para fazer os registros familiares — diários pessoais, e história da família”.

Sendo professores, o presidente e a irmã Khanakam usaram a oração familiar e o treinamento que receberam em sua profissão, para ajudar o filho a superar o que parecia ser uma incapacidade de aprendizagem. “Suas professoras nos informaram que ele era muito lento intelectualmente, por isso nossa primeira idéia foi arranjar-lhe um professor que o ensinasse em casa. Depois oramos, e, analisando melhor a situação, percebemos que os melhores instrutores de nosso filho seriam seus pais. Nossa decisão, baseada na resposta às orações, está dando resultado. Ben sente-se mais

O Presidente e irmã Khanakam com seus filhos Wisoodthiporn, à esquerda, e Wisuchalak.



FOTOGRAFIA DE DAVID MITCHELL



feliz por saber que o pai e a mãe compreendem as suas necessidades e querem ajudá-lo. Depois que o auxiliamos em suas tarefas escolares, ele está melhorando e aprendendo mais depressa. E temos a oportunidade de um relacionamento mais estreito.”

A união da família, agora, contrasta com a separação imposta ao irmão e à irmã Khanakam, pelo emprego, depois que eles se casaram em 1981. “Um mês após o nosso casamento fomos selados no Templo de Tóquio. Na volta retornei a Chiang Mai, onde eu tinha uma posição bem remunerada no magistério, e minha mulher foi para a casa de sua família em Mahasarakham, a 830 quilômetros de distância. Vivemos assim por cerca de um ano, porém, os missionários de tempo integral sempre perguntavam: ‘Wisit, você tem fé que o Senhor o abençoará, se guardar seus convênios? Precisa ficar com sua esposa.’

Assim, deixei meu emprego em Chiang Mai e encontrei outro em Mahasarakham, ganhando menos da metade do que lá. Foi aí que aprendi a aplicar os princípios de bem-estar

em nossa família. Aprendemos a administrar nossos recursos, trabalhar com as próprias mãos e criar a família no evangelho.

Fui chamado a presidir o ramo de Mahasarakham e, minha esposa, a Sociedade de Socorro. Eu era o único membro masculino do ramo. Foi preciso alguns anos para o número de membros crescer. Agora eles têm sua própria capela — não por causa de alguma coisa que fizemos, mas devido ao amor e à união dos santos daqui.”

Antes de mudar-se para Mahasarakham, irmão Khanakam foi presidente do Distrito de Chiang Mai, chamado que voltou a receber ao retornar três anos depois para ensinar na escola local.

Os Khanakam vivem numa casa fora da cidade de Chiang Mai, numa propriedade da família que tem árvores frutíferas e um arrozal de cerca de 1,21 hectares. “Contratamos algumas pessoas para plantar o arroz e entregamos o produto da colheita a minha mãe.”

Seu relacionamento com a mãe melhorou muito nos últimos vinte anos, desde a época em que ele conheceu os missionários SUD.

Ele foi levado por um amigo às aulas de inglês que os missionários apresentavam. Em seguida, vieram as palestras e o convite para assistir às reuniões da Igreja.

“Frequentei a classe de pesquisadores. No princípio o que aprendi não fazia o menor sentido para mim. Eu era um ativo budista, numa família de budistas ativos. O nome de Jesus, porém, sensibilizou-me o coração. Lembro-me de, em criança, ter escutado os missionários falarem de Jesus e do cristianismo. Meus pais e parentes não gostavam dos cristãos e falavam mal deles e de Jesus. Eu não podia deixar de imaginar quem seria esse homem chamado Jesus. Que aconteceu a ele? Por que minha família só falava coisas ruins a seu respeito?

Assim, quando os missionários me falaram acerca do Salvador, decidi convidá-los à casa de meu primo, onde eu morava enquanto freqüentava a escola. Ele e a família ouviram algumas palestras e depois desistiram.

Continuei a recebê-las e a ir à Igreja, obtendo finalmente um testemunho.

Fui batizado aos dezoito anos de idade.

Quando contei à minha mãe que tinha sido batizado, ela ficou transtornada e quis me expulsar da família. Eu era o filho mais novo, com três irmãos e uma irmã mais velhos. Daquele dia em diante, sofri muita perseguição da família e saí de casa.

Sabendo da minha situação, o presidente do ramo sabiamente disse

que, se eu amava o Pai Celestial, devia obedecer aos mandamentos e demonstrar amor e respeito por meus pais. O Senhor me abençoaria, disse ele, se eu voltasse para casa e fosse um exemplo do cristianismo para meus familiares.

Quando voltei para casa, minha mãe me disse: 'Do que você precisa? De um colchão, travesseiros ou alguma outra coisa? Darei o que quiser, mas não pode viver conosco.'

Disse-lhe, entretanto, que a amava, amava meu pai, irmãos e irmãs, e queria ficar. Meus familiares ficaram muito aborrecidos e ninguém falava comigo, mas, além de ir à escola, trabalhava em casa ou em nossa propriedade, fazendo tudo que podia.

Terminando a escola secundária, quis cursar a universidade. Minha mãe disse: 'Diga-me que não é mais mórmon e permitirei que freqüente a universidade. Se disser que é mórmon, nunca irá para a escola.' Respondi, então: 'Mãe, eu sou mórmon'. 'Não precisa dizer mais nada', respondeu ela.

Não tentei nem mesmo prestar os exames de admissão."

Em vez disso, irmão Khanakham estudou no Centro de Língua Inglesa de Chiang Mai, e conseguiu um emprego com um professor americano, que estudava na Tailândia. Mais tarde, com o consentimento da mãe, freqüentou a universidade em Bangkok por quase quatro anos.

"Embora meu pai tivesse falecido nessa ocasião, a universidade foi uma

boa experiência para mim. Procurei sempre fazer com que as atividades do campus não interferissem na minha freqüência à Igreja. Meus amigos insistiam para que eu cumprisse missão. Embora ainda não tivesse testemunho para ser missionário, incentivava outros a sê-lo.

Após a universidade, ensinei em escolas públicas para ganhar algum dinheiro, depois decidi que sairia em missão. Quando contei isso à minha mãe, ela ficou extremamente zangada, procurou um advogado e desertou-me. Disse-me: "Escolha o que prefere — a Igreja ou a família." Respondi que queria cumprir uma missão para o Senhor. 'Está bem', disse ela, 'você não terá o menor apoio da família'".

O irmão Khanakam foi missionário na Missão Tailândia Bangkok, onde teve muitas "experiências edificantes". Uma delas foi com a mãe e a irmã. Elas estavam visitando Bangkok e o irmão Khanakam convidou-as para um serão em que Élder Jacob de Jager, dos Setenta, falaria.

Pediram-me que fosse o intérprete. Ajoelhei-me com ele em oração e supliquei por minha família. Em seu discurso, o Élder de Jager fez alguns comentários lisonjeiros a respeito dos meus familiares. Olhei para minha mãe e vi que estava chorando. Até minha irmã, que tanto se opusera à minha filiação à Igreja, e que quase atirara em mim, chorava também. Após a reunião, minha mãe me perguntou o que poderia fazer para ajudar-me na

missão. Sei que naquele dia ela foi tocada pelo Espírito.

Meu relacionamento com a família agora é bom. Eles me amam, e também amam minha esposa e meus filhos. Minha mãe mora em uma casa perto de nós."

Quando cumpria missão, o irmão Kanakam conheceu uma missionária recentemente chamada, Sumamaan Srisarakham. Três anos depois entrou em contato com ela, por meio de uma amiga comum, e começaram a se corresponder. Quando falaram em casamento, a irmã Srisarakham orou pedindo orientação e teve a impressão de que "a mão do Salvador estava sobre a minha cabeça confirmando a minha decisão de casar-me e constituir família".

Atualmente a irmã Khanakam é presidente da Sociedade de Socorro do distrito e dá aula em uma classe da Primária no Ramo de Mai Chiang.

"O que fazemos dentro das quatro paredes do nosso lar é muito importante para nós e para aqueles sobre os quais podemos ter uma influência positiva", diz o Presidente Khanakam. "Por exemplo, um casal nosso vizinho está recebendo as palestras dos missionários e agora permite que seu filho assista às reuniões da Igreja conosco. Isto aconteceu porque gostaram do que viram em nossa família. Como família, como os santos dos últimos dias de toda parte, podemos aperfeiçoar as nossas vidas, vivendo o evangelho." □



“UM DESTES MEUS PEQUENINOS . . .”

Carolyn Sessions Allen

Enquanto a maioria de seus amigos do sul da Califórnia se bronzeava na praia, os jovens da Estaca Glendora Califórnia passaram as férias da primavera com as mãos, os músculos e os pés doloridos, devido aos serviços que prestaram em um centro de atendimento a pessoas sem lar, no coração de Los Angeles.

E não trocariam essa experiência por nenhuma outra. “Trabalhar no centro foi uma das melhores coisas que poderíamos fazer numa conferência de jovens”, disse Heath Hamilton, de dezessete anos.

No início, alguns jovens foram céticos. Chris Walker, que é sacerdote, afirmou: “Uma porção de gente achou que não poderia haver uma conferência de jovens

.....





sem uma excursão pelas montanhas ou algo parecido. Os que participaram do trabalho no centro de atendimento a pessoas sem lar descobriram que isto é o evangelho — ajudar os outros, não a si mesmos. Fiquei muito impressionado com as palavras de Mosiah 2:17: “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.”

Jeremy Baird, que é mestre, disse: “Achei que essa conferência de jovens não ia ser muito boa, mas foi uma grande experiência que me ensinou muito. No centro de atendimento a pessoas sem lar, conversei com um homem que havia sido bem sucedido nos negócios, mas que agora não tinha nem casa nem família, por causa de drogas. Isso me ensinou que o que eu pensara a respeito de todas as pessoas que não têm casa não é verdade.”

Alguns ficaram um pouco preocupados, porque a instituição ficava numa parte da cidade que não era muito boa. Caroline James, uma Menina Moça, disse: “Quando chegamos, ficamos com medo de sair do carro, mas depois que entramos, foi uma boa experiência falar com as pessoas a respeito da Igreja.”

ALIMENTO PARA O CORPO, ALIMENTO PARA A ALMA

Dois turnos de três horas, com doze jovens em cada um, trabalharam no centro para pessoas sem lar de Los Angeles diariamente, onde serviram almoço e jantar a cerca de seiscentas pessoas. Também separaram roupas e ajudaram a preparar as refeições da Páscoa.

Além disso, os jovens encheram mais de 150 cestas de Páscoa, com escovas de dente, dentífrício, sabonete e outros artigos de higiene pessoal. Caixas para coleta de artigos haviam sido colocadas em cada ala e em vários locais da comunidade, para as doações. Alguém doces e bichinhos de pelúcia foram incluídos para as crianças, e a distribuição das cestas se deu no domingo à tarde.

No domingo, o comitê de jovens e líderes viajou quarenta quilômetros até o centro de Los Angeles, em dois turnos, para que ninguém perdesse as reuniões da Igreja. Arrumaram as mesas perto da instituição, onde serviram o desjejum, e, no meio da tarde, serviram um tradicional jantar de Páscoa. Cerca de 2.500 refeições foram distribuídas em cada turno.

Quando quase todos estavam servidos, os jovens foram convidados a cantar. “Amai-vos Uns aos Outros” e “Sou um Filho de Deus” comoveram todos os presentes.

“Todas as pessoas da instituição estavam buscando algo mais do que o alimento que servimos. Sei que é do evangelho que eles precisam”, disse Harleigh Williams, de dezessete anos.

Após servir-lhes a refeição no domingo, muitos jovens sentaram-se para conversar. Jeff Fuller discutiu princípios bíblicos com um homem. “Esta foi, sem dúvida, uma das melhores experiências de minha vida”, disse ele. “São todos filhos de Deus. Deram-me grandes conselhos sobre como manter-me afastado de coisas que podem prejudicar-me, contando-me como foram parar lá.”

Vinte e quatro jovens foram ao centro de atendimento a pessoas sem lar de Los Angeles, onde serviram refeições a cerca de seiscentas pessoas. Também separaram roupas e ajudaram a preparar as refeições da Páscoa.



Naturalmente, a conferência de jovens incluiu atividades tradicionais, como desjejum preparado pelos bispos, oficinas de trabalho, jogos e um baile, mas no Serão realizado ao término da conferência, o assunto principal dos testemunhos foi o projeto de serviço e a maneira como afetou a vida dos jovens.

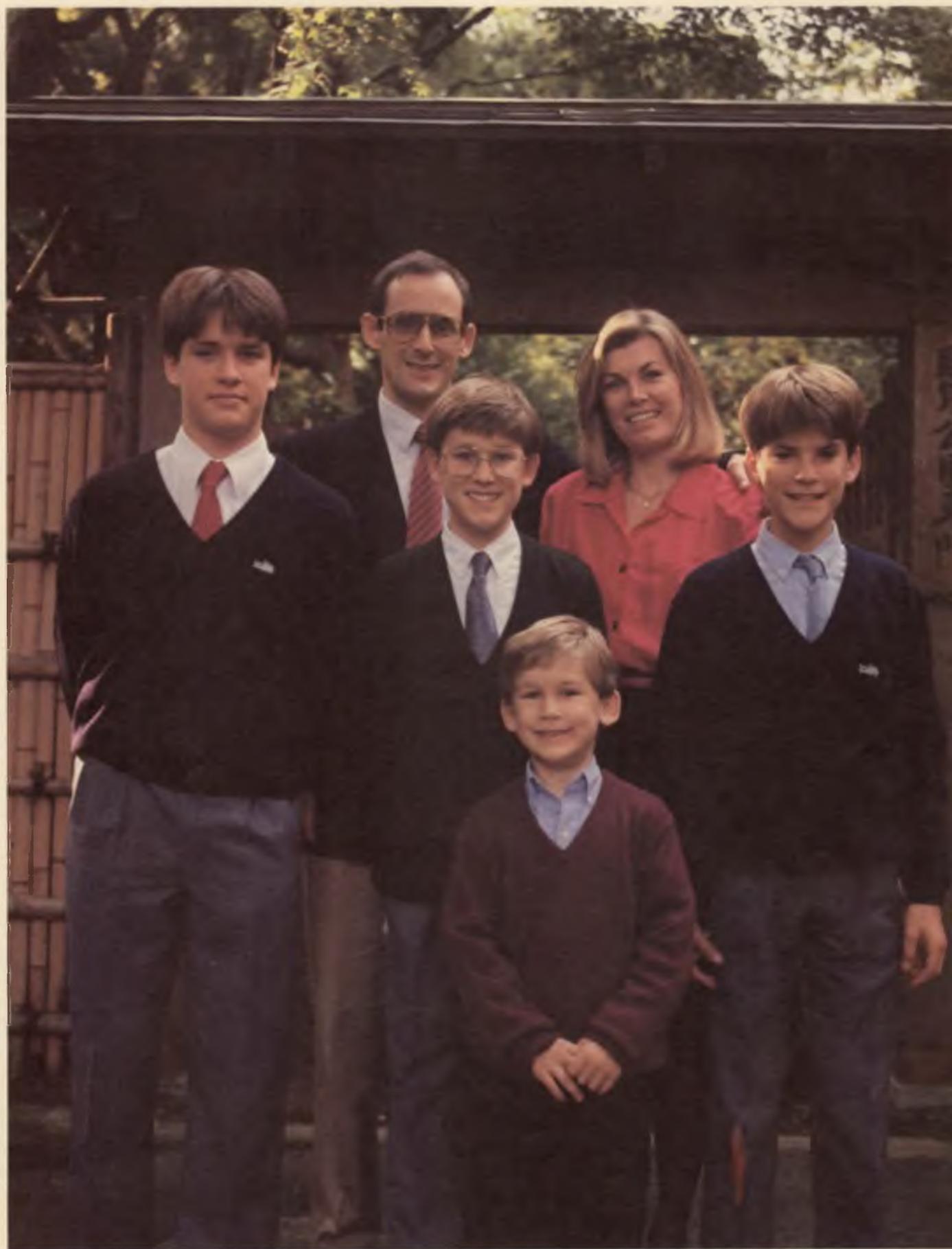
A MELHOR DE TODAS

“Sei que os que foram para lá com uma atitude negativa mudaram definitivamente de idéia a respeito dos necessitados. Foi, sem dúvida, a melhor conferência de jovens de que participei”, disse Lisa Summerhays, de dezessete anos, vice-encarregada da conferência.

Justin Beck, o outro jovem vice-encarregado, declarou: “Sei que as pessoas daquela instituição têm problemas, mas precisamos apreciá-las, pois o Pai Celestial ama cada uma delas.”

Becky Patterson, de dezessete anos, concordou. “Uma coisa que aprendi durante esta semana é que todos são igualmente importantes. Seja quem for a pessoa, ou esteja ela onde estiver — o Pai Celestial a ama.”

“A coisa mais importante”, disse irmã Arnetus Raymond, segunda conselheira na presidência das Moças da estaca, “é que aprendemos que, para desenvolver o amor e a união, precisamos servir. O serviço é a chave. Nossa juventude aprendeu, diretamente, o significado de servir um destes pequeninos.” □



Uma FAMÍLIA Internacional

O que a Austrália, o Brasil, o Canadá, a Checoslováquia, a Inglaterra, a Escócia, Gibraltar, Hong Kong, o Japão e o Quênia têm em comum?

A Igreja de Jesus Cristo e a família Gordon-Smith: Simon e Rostya, e seus quatro filhos, David, de quatorze anos, George, de treze, Richard, de doze, e Henry, de cinco.

A família, que é em si uma organização internacional, mora atualmente em Tóquio, Japão, onde Simon trabalha para uma firma particular. Antes desse emprego, ele trabalhava como gerente de patrimônio da Área Asiática da Igreja.

“O pai de Simon nasceu na Austrália”, diz Rostya. “A mãe dele nasceu em Gibraltar. Os pais estavam servindo no corpo diplomático, quando meu marido nasceu. Eu nasci na Checoslováquia. Nosso primeiro filho, no Brasil. Os outros dois nasceram na Inglaterra, e o quarto, em

Hong Kong. De certa forma, representamos a família internacional que é a Igreja.”

A história cosmopolita da família Gordon-Smith teve seu começo há mais de vinte anos, em Praga, Checoslováquia, onde a estudante universitária, Rostya, percebeu que havia pouca esperança de futuro em seu país natal. Os pais dela eram divorciados. A mãe fugira para a Áustria, e o pai estava preso. Quando ele foi solto, ela lhe disse que não podia mais viver na Checoslováquia. “Eu tivera um vislumbre da liberdade.” Esse “vislumbre da liberdade” acontecera durante uma demonstração estudantil, quando ela e outros de sua geração haviam decidido viver os ideais de liberdade e igualdade, apesar da oposição que enfrentavam.

Rostya conseguiu um visto que lhe permitia partir para a Inglaterra, com o propósito de aprender inglês. “Foi uma época triste e solitária para mim”, recorda ela. “Cheguei a Londres sem saber falar inglês, carregando uma mala e cinco dólares americanos.” Antes de partir da Checoslováquia, ela conseguira um lugar de empregada, com uma família que morava em Londres. Após um ano com essa família, Rostya sentiu que desejava algo mais da vida.

Com o incentivo de amigos, matriculou-se na Universidade de Londres. “A fim de pagar meus estudos,

.....
Simon e Rostya Gordon-Smith com os quatro filhos, em Komaba Park, perto de sua casa em Tóquio. Da esquerda: David (14), George (13), Henry (5) e Richard (12).



Extrema esquerda: A família Gordon-Smith em sua casa em Hong Kong. Esquerda: Futebol é um dos esportes que os filhos

do casal apreciam. Abaixo: A pirâmide simboliza o apoio que cada um dos membros da família dá aos outros.

vendia jornais em uma estação ferroviária, das cinco às dez da manhã, freqüentava a escola à tarde e trabalhava novamente das seis às onze da noite. Depois voltava para o sótão onde morava, para estudar e dormir.”

Dois anos mais tarde conheceu Simon, que também estudava. Ele lhe propôs casamento uma semana depois, mas Rostya hesitou no início. “Disse-lhe que desejava uma carreira e que não estava interessada em casamento nem em filhos, mas ele persistiu.” Casaram-se dezoito meses mais tarde. Ambos se formaram no mesmo ano — Simon em engenharia civil, e Rostya em estudos sobre a Europa oriental. O primeiro emprego de Simon foi na Escócia.

Dois anos depois Simon chegou em casa um dia e perguntou se Rostya gostaria de mudar para o Brasil, a serviço da companhia. “Quando?” perguntou ela.

“Amanhã”, retrucou ele. Logo chegaram a Santos, Brasil, onde Simon começou a trabalhar na construção de um emissário submarino ao longo da costa. Eles sabiam que estavam inaugurando uma nova fase de sua vida. A mudança real, contudo, ainda estava para vir.

O jovem casal logo entrou para um clube de estrangeiros, onde Rostya foi atraída para um grupo de mulheres que pareciam entusiastas e abertas. Quando Rostya se apresentou, uma das mulheres disse: “Gordon-Smith parece bem inglês, mas ‘Rostya’ certamente não.” “É porque eu sou checa”, respondeu Rostya. Para sua surpresa, a mulher começou a falar em checo. Rostya acabara de conhecer Zaza, uma checa que fora criada no Brasil, e que era casada com um americano, Don Clark.

Os Clark e os Gordon-Smith logo se tornaram amigos, indo juntos ao cinema, jogando tênis e conversando. Um dia, dois missionários SUD foram à casa dos Clark quando Rostya estava lá. “Na ocasião eu não sabia que eles eram missionários”, diz Rostya. “Eram apenas dois jovens de cabelo curto, usando terno e

gravata. Perguntei-lhes para quem trabalhavam, porque presumi que qualquer estrangeiro estaria trabalhando para uma companhia. Deram-me uma resposta muito vaga. Estavam trabalhando para uma igreja, disseram, e visitavam as pessoas e liam as escrituras com elas em seus lares. Isso me pareceu muito estranho.

Don e Zaza Clark, que eram membros da Igreja, começaram a conversar com os Gordon-Smith sobre o evangelho. Logo, os Clark os convidaram para uma reunião da Igreja. Era a reunião de jejum e testemunho. “Foi um choque para mim”, conta Rostya. “Tudo que eu podia ver era que todos choravam — homens, mulheres e crianças. Foi muito embaraçoso para mim e também para meu marido. Quando Don Clark me perguntou o que achava da reunião, olhei para ele e disse: ‘Acho que isso é histeria coletiva.’”

Pouco tempo depois, Don e Zaza convidaram Simon e Rostya para uma conferência de área em São Paulo, onde o Presidente Spencer W. Kimball anunciou a construção do templo no Brasil. Rostya ficou impressionada com o afeto que as pessoas demonstravam ao profeta. Depois da conferência, os Gordon-Smith concordaram em ouvir as palestras missionárias.

Nada de extraordinário aconteceu até a lição sobre arrependimento. “Eu tinha facilidade para justificar minhas ações”, diz Rostya, “mas, de alguma forma, o processo de arrependimento me pareceu lógico.” Ela começou a pensar sobre o arrependimento e até escreveu cartas de reconciliação. “Quando, porém, os missionários me pediram para que orasse sobre o princípio do arrependimento, eu disse: ‘Como posso orar, se não acredito na existência de Deus?’ ‘Como pode saber que alguém mora no décimo andar, se não tocar a campainha?’ perguntaram eles. ‘Toque a campainha e veja se alguém responde.’”

Enquanto morava em Hong Kong, David Gordon-Smith, de treze anos, jogava numa equipe de futebol da comunidade, cujo técnico era seu pai, Simon. Simon, que serviu

como líder de missão da ala e professor da Primária, fazia parte do bispado da Ala Victoria, Estaca Hong Kong Island, quando a família mudou para Tóquio.

“Um dia, enquanto lavava a louça, fiquei pensando sobre o que eles disseram. Decidi seguir a sugestão. Ajoelhei-me e disse: ‘Pai Celestial’, e uma onda de calor me envolveu. Comecei de novo: ‘Pai Celestial’, e o calor se intensificou. Senti-me envolvida em amor e proteção, pela primeira vez em muitos anos. Fiz todas as perguntas: ‘Esta é a igreja verdadeira?’ ‘Joseph Smith é um profeta?’ ‘O Livro de Mórmon é verdadeiro?’ ‘Tu me amas?’ As respostas foram afirmativas, pelo poder do Espírito.

“Telefonei a minha amiga Zaza Clark. ‘Consegui! Consegui!’ gritei. ‘Conseguiu o quê?’ ela perguntou, alarmada. ‘Um testemunho!’ exclamei.”

O batismo de Rostya e Simon foi marcado para depois de uma conferência de estaca. Durante a conferência, Elder James E. Faust, do Quorum dos Doze Apóstolos, chamou alguns membros da congregação para prestar testemunho. Fez sinal a Rostya para ir ao púlpito. Enquanto Don Clark traduzia para o português, ela prestou testemunho em inglês. Ao terminar, lágrimas lhe desciam pela face. “No final, quando eu disse ‘amém’, Don Clark se voltou para mim sorrindo e perguntou: ‘Não entendo. Que história era aquela de histeria coletiva?’”

Antes de deixarem o Brasil, os Gordon-Smith apresentaram a Igreja a seus amigos Richard e Sally Hardwick. Quando Richard feriu-se seriamente e precisou ser operado, os Gordon-Smith acompanharam Sally ao hospital. Rostya disse: “Simon, gostaria que desse uma bênção a Richard.” Sally perguntou: “O que é uma bênção?” A bênção foi dada e cumprida. Os Hardwick filiaram-se à Igreja.

Do Brasil, os Gordon-Smith foram para Vancouver, Colúmbia Britânica, no Canadá, onde Simon trabalhou no projeto de um oleoduto. Quando a construção terminou, em 1985, Simon teve a oportunidade de

mudar para Hong Kong e trabalhar para a Igreja. Simon supervisionou a construção de capelas na Área Asiática — Hong Kong, Tailândia, Indonésia, Cingapura e Malásia. Também deu apoio administrativo ao Japão e à Coreia.

Durante essa época, mudanças políticas na Checoslováquia tornaram possível que Rostya voltasse para casa, pela primeira vez em vinte e dois anos. “Não posso descrever meus sentimentos”, diz ela. “Sei que a nova onda de liberdade e esclarecimento trará o evangelho para a vida do povo, e então eles alcançarão liberdade verdadeira.”

Quanto aos quatro filhos, eles gostam de viajar e aprenderam a ajustar-se bem às mudanças. Rostya os chama de “cidadãos do mundo”. “Descobrimos que eles estão aprendendo tolerância e aceitação, em relação a outros povos, culturas e crenças”, diz ela. David canta e toca piano. Ele gosta muito de jogar futebol e nadar. Quer ser advogado ou homem de negócios. Ele presta testemunho do evangelho em quase todas as reuniões de testemunho. George também canta e toca piano. Ele é um ginasta. Deseja ser médico e cumprir missão na Checoslováquia. Adquiriu testemunho do evangelho orando após ler o Livro de Mórmon. Richard desenha e é ótimo em matemática. Também toca piano e é um ginasta. Deseja ser arquiteto. Henry tenta imitar o irmão que estiver com ele no momento.

Rostya afirma que suas muitas experiências em todas as partes do mundo ajudaram sua família a compreender melhor quem são. “Estou criando meus filhos com a idéia de que somos todos iguais”, diz ela. “Não importa de que sexo ou de que nacionalidade somos. Creio firmemente nisso. Ensino-lhes que o mundo é um lugar muito pequeno, e que, com amor e com o evangelho, podemos vencer todo mal.” □



Volta à Checoslováquia

Rostya Gordon-Smith

Julho de 1990: Eu voltara para casa. Estava de novo em Praga, no meu país natal, Checoslováquia — um país que eu deixara vinte e dois anos antes. Saíra por não poder tolerar o clima político da época. Agora, em poucos meses, uma mudança extraordinária ocorrera no país, e eu estava livre para voltar.

Acho que esperava sentir-me do mesmo jeito que tantos anos atrás, mas sentia-me como uma turista. Tudo parecia menor e mais pobre, e foi como se tivesse perdido minhas raízes familiares e da infância.

Alguns dias após minha chegada, porém, eu estava andando por uma rua cheia de gente e, de repente, senti um laço com as pessoas que me rodeavam. Estava no meio de meu próprio povo. Um grande sentimento de amor e de afinidade tomou conta de mim, e senti a alegria da liberdade que eles haviam conquistado após quarenta e cinco anos de controle férreo.

Foi maravilhoso encontrar familiares e amigos, contar-lhes o que estivera fazendo desde minha partida e apresentar-lhes o evangelho. Em uma reunião que tive com antigos colegas de escola, expliquei que era membro da Igreja e prestei-lhes testemunho. Dei a todos um exemplar do Livro de Mórmon, juntamente com a literatura que havia em checo, e forneci seus nomes aos missionários. Disse-lhes que agora tinham a liberdade de escolher, e que a melhor coisa que fariam por si mesmos e pelas famílias era decidir aceitar o evangelho. “Se vão construir uma nova casa”, afirmei-lhes, “é melhor começar com um alicerce sólido.”

Fui emocionada à igreja em Praga, onde os membros se reúnem em uma sala alugada. Eles estavam muito felizes por poderem reunir-se publicamente e discutir o evangelho com parentes e amigos abertamente.

Meu filho mais velho, David, teve a oportunidade de distribuir o sacramento, e, mais tarde, na reunião de

testemunho de nossa ala, disse que a experiência o ajudara a perceber as responsabilidades e bênçãos que acompanham o sacerdócio.

Foi um acontecimento especial para mim encontrar-me com minhas irmãs. Uma delas, Ilona Kebrt, e a filha, Olga, foram comigo à igreja. Olga ficou muito impressionada com a aparência e o comportamento dos missionários de tempo integral. “Nunca vira jovens de minha idade agindo como eles, e com uma aparência igual à deles”, disse ela. “Parece que eles vêm de um mundo diferente.”

Tivemos a oportunidade de conhecer Presidente e Sister Richard W. Winder. Ele é o primeiro presidente de missão da Checoslováquia após a Segunda Guerra Mundial. Minha irmã ficou muito curiosa a respeito de Presidente e Sister Winder, da vida que eles haviam deixado para trás, na Cidade do Lago Salgado, a fim de cumprir sua designação em nosso país, da vida simples que levavam na Checoslováquia, e do amor que demonstravam ao povo. Ela sentiu-lhes o espírito e chorou.

Cinco dias antes de minha partida, Presidente Winder me informou que o Presidente Gordon B. Hinckley, da Primeira Presidência, visitaria a Checoslováquia e realizaria uma reunião em Brno, a 160 quilômetros de Praga. Presidente Winder me perguntou se eu poderia servir de intérprete para o Presidente Hinckley. Aceitei o convite e, com Ilona, fui para Brno.

Aquela reunião foi um dos pontos altos de minha visita. Com Presidente Hinckley estavam Sister Hinckley, o Presidente Hans B. Ringger, presidente de Área da Europa, Sister Ringger, Presidente e Sister Winder, e meus irmãos e irmãs no evangelho. Presidente Hinckley compreendeu que eu estava nervosa por ser sua intérprete e ter de traduzir a terminologia da Igreja



para o checo, e foi muito atencioso. Foi uma experiência muito espiritual para todos nós. Minha irmã não tirou os olhos dele, e seu rosto brilhava na congregação.

Fiquei sabendo, depois de minha visita, que as sementes do evangelho, que plantei, começaram a dar frutos. Minha sobrinha, Olga, foi batizada e está agora morando com uma família em Londres, Inglaterra. Ela me escreveu: “Quando nos visitou, ouvi-a prestar testemunho do evangelho e, embora não compreendesse completamente o que queria dizer, desejei saber mais. Agora, como membro da Igreja, eu sei, sinto-me como se tivesse crescido em sabedoria, muito além de minha idade. A vida tem sentido para mim, e, pela primeira vez, sei o que fazer.”

Voltando à Checoslováquia encontrei a família e amigos — raízes que pensei estarem perdidas. E compreendi que o desejo básico de conhecer a verdade nunca morre. Tenho certeza de que o evangelho se espalhará pela Checoslováquia e que os santos checos e eslovacos tomarão seu lugar de direito na família mundial da Igreja. □

Acima: Na volta à Checoslováquia, irmã Rostya Gordon-Smith encontra Presidente e Sister Richard W. Winder. **À esquerda:** Rostya com a irmã, Ilona, e Presidente e Sister Gordon B. Hinckley. Rostya foi a intérprete do Presidente Hinckley na reunião da Igreja, em Brno. Atualmente ela é professora de Viver Espiritual na Sociedade de Socorro da Ala Tóquio 2, Japão.

VÁ PARA A PISTA DA DIREITA

Victor Miguel Bottari

Era um dia chuvoso de março de 1988. Eu estava levando meu carro ao mecânico, porque as luzes do pisca-alerta e do pisca-pisca não estavam funcionando. Enquanto guiava em direção à estrada, tive uma forte sensação de que deveria ir para a pista da direita, onde o trânsito era mais lento. Quando, porém, alcancei a estrada, não sei como fui parar na pista da esquerda — de trânsito mais rápido.

Estava indo a cerca de setenta quilômetros por hora, quando fiz uma curva e vi um carro parado à minha frente.

Muitas idéias me passaram pela mente com rapidez. Pensei em dar sinal de que ia para a direita, alertando os que se achavam atrás de mim, mas o pisca-pisca não estava funcionando. Pensei em brecar e virar para a direita, mas havia um caminhão do lado de meu carro. E, à minha esquerda, havia um longo e enlameado acostamento.

Não sabendo o que fazer, pisei no freio. Apesar de a estrada estar molhada e escorregadia, meu carro parou a alguns metros do carro da frente.

Quando saí na chuva e fiz sinal aos outros carros e caminhões que estavam entrando na curva, agradei ao Pai Celestial por me encontrar em segurança.

Também lhe pedi perdão por não ter dado ouvidos ao aviso que me enviara.

Aprendera uma lição a respeito de dar ouvidos aos sussurros do Espírito Santo, da qual jamais me esquecerei. □



ILUSTRAÇÃO DE LARRY WINSLOW



"Alma e Amuleque", de Gary L. Kapp

Presos injustamente, Alma e Amuleque foram despidos, presos e injuriados por seus perseguidores: "E aconteceu que, tendo assim sofrido por muitos dias", o Senhor respondeu à oração de Alma pedindo que os libertasse. Suas cordas foram arrebatadas, "e a terra tremeu muito, e as paredes da prisão partiram-se ao meio, de modo que caíram no chão; e o juiz supremo, (e os) que haviam ferido a Alma e a Amuleque, foram mortos pelos escombros. E Alma e Amuleque saíram ilesos". (Vide Alma 14:14-29.)



“Com a autorização da Primeira Presidência, tive o privilégio de dedicar a Hungria no Monte Gellért, em Budapeste” (acima), relata o Élder Russell M. Nelson, do Quorum dos Doze Apóstolos. Em um artigo especial, Élder Nelson analisa o impacto que os acontecimentos históricos recentes, ocorridos na Europa Central e Oriental, causaram à Igreja. Vide “Drama no Palco Europeu”, página 8.